

18 de Março 85
de 1932

reportagem.

Semanário das grandes reportagens



Nêste número: Foram encontradas as verdadeiras minas d' Salomão — O banqueiro-agiota das Caldas da Rainha — Erro judiciário. — Etc., etc.

Tabacaria Liz

EDUARDO BORGES PINTO

Pede a V. Ex.^a uma visita a este elegante estabelecimento

mandamos a casa dos Ex.^{mos} clientes

Grande sortido de Tabacos Nacionaes e Estrangeiros

Artigos de Papelaria

Novidades em artigos para fumadores.

Agnes de Luso, Snta e Lumercis.

Jornaes, illustraçõs e figurinos Estampilhas e Loterias

Av. Almirante Reis, 31-D.

LISBOA

PIM! 5 vezes
50 Cochicho

PAM!

2 SESSÕES PUM!

A RAINHA DAS REVISTAS

— NO —

Teatro Variedades

Fotogravura, Tricomia, Bicromia, Zincogravura e desenho

Executam-se com a maxima perfeição na

FOTOGRAVURA NACIONAL L^{DA}



Rua da Rosa, 273,
LISBOA
1 TELEF-209581

Descontos especiais em gravuras para jornais e revistas.

Teatro Avenida

A's 9 e meia

ESPECTACULO INTEIRO

Companhia Estevão Amarante
Grande exito do original português

O "Az" das Fitas

engraçadisimo «vaudeville» em 3 actos,
original de ARNALDO LEITE e
CARVALHO BARROSA, musica de ANGEL GOMEZ

Encenação ESTEVÃO AMARANTE

TODAS AS NOITES NO

Teatro Avenida
O AZ DAS FITAS

“ GARANTIA , ,

COMPANHIA DE SEGUROS
(FUNDADA EM 1853)

Capital integralizado Esc. 1.000.000\$00
Reservas em 31 de Dezembro de 1927
Esc. 6.611.363\$33

Os segurados da «GARANTIA» devem ter sempre em vista que nenhuma outra Companhia lhes pode oferecer maiores vantagens: o seguro de vida obedece á mystemica e esta é uma só. O que os segurados devem exigir é donidade da Companhia, e neste ponto, a «GARANTIA», tem a escudela o seu passado.

SÉDE

Rua Ferreira Borges, 37—PORTO
(EDIFICIO PROPRIO)

DELEGAÇÃO CENTRAL

Praça da Liberdade, 13 e 14

Casa Bancaria Souza, Cruz & C.a, L da

DELEGAÇÃO EM LISBOA

Rua de S. Julian, 63 a 71

(EDIFICIO PROPRIO)

Mannheimer V. G.

SEGUROS DE AUTOMÓVEIS

TELEFONE 23533

L. Barão de Quintela. 11-2.º

Teatro Maria Victoria

A's 8-30—10-30

Grande exito da revista

o Mexilhão

Completamente remodelada
Numeros de grande successo

o MARUJINHO
por BEATRIZ COSTA

Compere ALVARO PEREIRA
Bailados por FRANCIS

o MEXILHÃO

NO

Maria Victoria

Auto Estefania
Stand

Venda e troca de
Automoveis usados

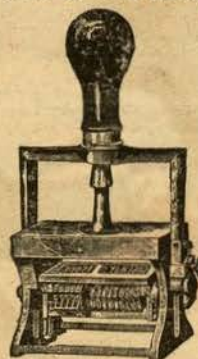
Telefone. 3134

Rua Alexandre Braga, 27

ESTEFANIA

A. C. MUSGUEIRA GRAVADOR

Carimbos
—
Numeradores
—
Datadores
—
Sinetes
(lacre e roupa)
—
Litreiros de
Chapas de ferro
esmaltado



Sêlos em branco
para repartições
de estado, juntas
etc.

—
Tintas

—
Almofadas

—
Caixas de tipo
de
borracha

70, R Augusta, 70 LISBOA

Homens & Factos do Dia

Aquele, o outro e eu...

(Conselhos dum Quixote arrependido aos quixotes iludidos)

SE não fôsse parecer exibicionismo extravagante—diria que o caldo de galinha me provoca indigestões, que as torradas com manteiga me produzem febres intestinais, que a água de Vidago me esfuma as ideias e me põe a cambalear, como a pior embriaguez, que os bons climas e o bom ar me intoxicam, e que, em contraste, as cidades húmidas, de atmosfera coagulada de miasmas, me refrescam os brônquios e fortalecem os pulmões; que o whisky me acerta o estomago e lava o cerebro e que a lagosta e a mayonnaise são as melhores dietas para o meu organismo... Entre outros exemplos dessa desobediência involuntária a todos os dogmas posso evocar os varios raios que intentei ás cidades de provincia, as terras calmas, de horario saudavel, de vida ritmica, alimentação pura e costumes quadriculados pelos moralistas; raids em que fracassei sempre sendo obrigado, a meio do tratamento, a fugir em correria para os chamados centros de perdição, de ritmo febril, as minhas vigílias inquietas á minha falta de metodo, no bulício, ao bruh-ha, onde recuperei então a saúde ameaçada pelo socôgo, pela castidade, pelos rigidos costumes provincianos...



Numa dessas tentativas, quando me esforçava por adaptar-me ao ambiente sabiamente doseado com todos os bons princípios para uma reabilitação física e espiritual,—provoquei, sem querer, um escândalo que ia ceifando, por completo, á minha volta, todas as simpatias, todos os carinhos, todas as amizades que tão rapidamente credera. Se têm paciência escutem a historia...

Eu tinha, nessa terra, alguns amigos. Foram eles que me raptaram, na melhor das intenções e me apresentaram a toda a sociedade local. Pouco depois, uns por curiosidade, outros atraídos pelas lendas que o meu nome de jornalista evaporara; outros ainda, porque sim, vi-me cercado por um grupo numeroso de camaradas que procurava, gentilmente, envolver no papel prateado de todos os encantos, cada hora que eu vivia na sua cidade de provincia. Comecei a notar a existencia de um moço, magro e triste, talvez não muito atraente por uma fatalidade fisionomica e que, vigiando-me, seguindo-me a distancia, provocando frequentes encontros, saudando-me com o mais fidalgo dos cumprimentos e o mais amavel dos sorrisos sempre que o meu olhar encontrava o seu—não ousava nunca agregar-se ás minhas tertulias nem vencer o curto caminho que me separava d'ele, para me falar, para me conhecer, para se alistar na generosa legião dos que me acarinhavam. Notei mais: que os outros, os que me acompanhavam sempre e sempre solícitos em dilatar o elenco das minhas amizades na terra, esquivavam-se sistematicamente não só a chama-lo quando ele se quedava a olhar-nos, num tímido mas evidente desejo de aproximação, como até a apresentá-lo quando as circunstancias e os pretextos

creados por ele, pareciam tornar inadivél esse gesto. O que foi para mim, de principio, apenas uma estranheza; transformou-se depois numa dolorosa preocupação. O pobre moço compreendia, como eu, a relutancia berrante dos seus concidadãos e adivinhando o meu pensamento, a custo continha a exteriorização de uma moqna que era o agravamento da sua tristesza cronica de mistura com um afliuivo sentimento de humilhação, de vexame...

Uma manhã em que os meus nervos começavam a irritar-se com o silencio e com paz a dos campos como a outros irritam a barulheira e a epilepsia das grandes cidades—levantei-me mais cedo do que costume e vim aquecer a alma gelada dos primeiros raios de sol que doiravam as estrelas nuas da terra. Choquei-me então com o jovem desprezado que vinha de uma barraca, pallido, olheirito estigmatizado pela noitada e pelo excesso de vinho ingerido. O seu primeiro gesto—antes de tomar uma atitude, foi certificar-se se eu estava só; e ao compreender que não havia muralhas humanas que o separassem de mim, arfou, dilatou as pupilas claras, n'uma esperança: a esperança de que eu não me tivesse habituado a desprezá-lo pelo convívio dos outros. Estendi-lhe apressadamente a mão—para que ele não soffresse, por muito tempo, a amargura duma duvida; e a força, a quasi brutalidade com que ele a apertou—revelou-me a alegria, a tranquillidade que lhe dava esta pequena vaidade satisfeita... Começamos então a vagabundear pela eldade, hombro com hombro, parlando numa conversa que rapidamente invadiu os arquivos mais íntimos das nossas almas. E escutando-o, curioso e atento, não perdia de vista o que se desenrolava, marginalmente, á nossa passagem—rostos femininos que nos espreitavam, atônitos, semi-ocultos pelas cortinas ou logistas que contorcionavam o pescoço e aqueçavam a pupila, num ar de espanto. Entretanto á pressa, como que temendo que a subita chegada dos meus companheiros habituais viessem interromper as suas confidencias, ele ia desabafando o suficiente para eu fazer uma ideia quasi exata da situação. Era um rebelde e um infeliz. Mã cabeça e mã sina. Não sabia ao certo se era o Destino que o provocava ou se era ele que provocava o Destino. Não se adaptara nunca ás convenções sociais—e a sociedade ferira-o com o seu index, com o pior dos index—o secreto, o silencioso, o inconsciente—aquêle que atravessa as almas como o florete atravessa um peito. Depois, as mulheres a completarem tudo; o fogo para esquecer as trações do fogo—e já por mais duma vez—isso não o confessou ele, mas deu-o a entender fizera asneira e asneiras graúda Estivera preso... Na terra—tinha um amigo sincero. Os que lhe falavam e não lhe fugiam ostensivamente—era por covardia, porque elle ganhava a fama de valente, chancelada com o sangue de varias cabeças abertas e o fogo da sua pistola, tão recalcitrante como éle.

Mas, depois de as-

reporter

O SEMANARIO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE PORTUGAL

GRANDES REPORTAGENS E CRÍTICA A TODOS OS ACONTECIMENTOS DE SENSAÇÃO NACIONAIS E ESTRANGEIROS—

Sai ás sextas-feiras e é posto á venda simultaneamente em todo o país

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE C. CAL

Director e Editor REINALDO FERREIRA (REPORTER X)

Chefe da Redacção COSTA JÚNIOR

Redacção, Administração e Publicidade Rua do Loreto, 42-1.º - TEL. 25.787 e 28249 End. Telegr.: I-REPORTERX—LISBOA

Composição e Impressão

Tipografia das Publicações aor Porto - Cancela Velha, 39

PREÇO DE ASSINATURAS

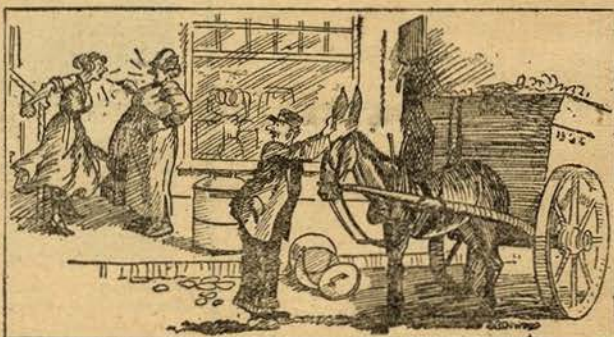
3 meses—serie de 12 numeros—Esc.	11\$50
6 " " " " " " " " " " " " " " " "	22\$50
12 " " " " " " " " " " " " " " " "	44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescentar os respectivos portes

PAGAMENTO ADEANTADO

soprar essa camada de lixo que o cobria—revelou-se-me não só um afetivo, um sentimental, um terno, sequioso de amizades, de entes por quem se dedicasse até ao sacrificio—como tambem uma intelligencia viva, activa, bem enjoiada de conhecimentos e em dia com o Mundo. A partir dessa manhã—rompi com preconceitos, atritos, más vontades—e era eu que o buscava, que o acompanhava, que o convidava a agrupar-se aos meus camaradas—embora por vêses estes, ao vé-lo de cerca se dissipassem, á sucepta, deixando-nos abandonados... Estas attitudes custam caras nos meios pequenos—e não tardei a sentir, se não a hostilidade pelo menos o escândalo geral e desaprovado, sem titubear, dos mais virtuosos. Estes, uma noite, provocaram uma assembleia para me abrir os olhos, para me salvar, para me evitar um desgosto como remate de uma corrente pouco lisonjeira que aquella nova companhia desenvolvera a minha volta.

(Conclue na pag. 14)



—Basta Senhoras! que a burrinha já está envergonhada!...

O BOEMIO DA POLITICA

Briand--O segredo da sua vida, o inigma da sua morte

BRIAND, que era uma especie de «razonneur» maximo da comedia politica da Europa—e do Mundo—acaba, de morrer—precisamente quando se decidiu a tratar dos seus velhos achaques—ou melhor: quando se resolveu—pela primeira vez—a seguir os conselhos dos medicos assistentes. Daí o convencimento de muitos de que a sua morte não foi senão consequencia do brusco equilibrio que o obrigaram a prestar á sua existencia aritmica, desigual, aventureira, boémia mesmo, de quasi cincoenta anos de inquietação, de emoções, de luta, de agitação intensissima, de dinâmica ou de epilepsia. Ao contrario do que certos Acacios julgam a existencia chamada «absurda», destes homens hostis ao metodo e viciosos de movimento, de desigualdade, de accção e de desequilibrio—substitue todas as virtudes do metodo, da hygiene, do exercicio racional—e muitas vezes com vantagens.

Briand era, no fundo, um boemio impenitente. Montmartre e Montparnasse da sua juventude tinham-se estigmatizado para sempre—bussolando o seu espirito, com estrelas de reis magos, até ao fim da vida. Ha anos, quando o entrevistei sobre o futuro dos «imperios coloniais europeus ante a politica do post guerra»—entrevista que me encomendára um jornal carioca e que deu depois volta ao mundo, a galope nos fios telegraficos, ouvi-lhe uma frase que o definia e que nunca mais me esqueceu. Briand era já então um velho de sessenta anos (morreu com setenta...) uma grenha grisalha e esfarrapada, numa popa de estudante, sobre os olhos; as sobrancelhas peludas moviam-se como illustrações cabalísticas das suas palavras; os seus olhos morticós e paradoxalmente vivos, gaiatos e paradoxalmente sisudos, dilatavam-se, a cada afirmativa, num esforço de hypnotizador, o seu corpo aparentemente mole, corcovado, amarrado, pesado, dava-nos a falsa ideia de um madraça, dum indolente, dum comodista. Briand, espertissimo, iludia os melhores observadores com esse simulacro, talvez involuntario, de comodista, de indifferente, incapaz de um assomo de energia, uma decisão rapida, de uma actividade esfalfante! E não era assim... Briand trabalhava sempre 12 e 14 horas diarias, sirandava, em lufa-lufa, de conferencia em conferencia, de comboio em comboio, germinando discursos, engendrando governos, planando tratados, premeditando ciladas... E quando mais cinico parecia—mais sincera era a sua obra; quando mais bonacheirão aparentava ser—mais cauteloso e vigilante estava; quando mais fatigado se mostrava—mais vivo e disposto á luta se sentia...

Não tinha horas para jantar, nem para dormir, nem para trabalhar. Os seus secretarios desorientavam-se ante a sua falta

de metodo. As frases que evoquei ha pouco—eram as seguintes:—«Nós, os homens que voluntariamente abraçamos uma carreira á margem do ritmo da vida não somos uns sacrificados em absoluto. Os que o dizem são hipócritas. Exigim de nós—e é tá certo—um esforço sobrehumano—e é justo que nós, em troca nos apossemos de certas vantagens, de certas comodidades, de certas satisfações, as nossas fraquezas. Muita gente admira-se como eu não deserto daquilo que eles chamam o «inferno da politica» e que, aos olhos deles, me está reduzindo a mizes. Ora diga-me cá: qual era a carreira que podia provocar-me as emoções, as glorias, os espectaculos humanos, as lutas, os banquetes—sim, os banquetes tambem se contam—que esta me proporciona? Graças á politica vivo aos 60 anos—como vivia aos 18, quando Montmartre não tinha segredos para mim e sem os *contras* que os 18 e Montmartre me acarretavam. Isto de perder noites—e ser homem rico; de viajar continuamente—e ser socegado, de jogar á roleta, e não se perder dinheiro nem ser jogador, de beber e não ser alcoolico nem sofrer a embriaguez; de guerrear sem disparar um tiro nem de ser ferido; de dormir quando me apetece; de viver no mais alto camarote do Mundo, contemplando, á nossa vontade, as mais belas apoteoses da nossa época—por si não representa um sacrificio, como equivale a um premio dos Deuses!»

Isto disse-me Briand ha muitos anos! Ha quem atribua a triste surpresa da sua



Briand, de regresso de Genebra, da guerra a favor paz ..

morte á vitória dos que cultivam a guerra, dos imperialistas—e portanto a derrota brusca, estrondosa da sua politica. Pode, de facto, ter influido, no seu desenlace... Mas o verdadeiro bacillus que o matou—foi a reforma, o abandono da sua vida activa, de sua boémia politica, de todos os seus actos anti-higiénicos, de toda a sua existencia chamada viciosa—e a entrada involuntaria, obrigatória, na existencia repousada, tranquila e sã. E' que para homens como Briand—o socego é uma doença; a tranquilidade—morte.

A sua carreira não está ausente de pecados. Não. Não falemos agora deles. A história se encarregará de o julgar. Mas o que podemos desde já fixar no seu tumulo é que ninguém defendeu com maior entusiasmo a paz dos homens, nem pregou com maior veemencia o ódio ás Guerras!

R. X.



Rasputine, o monge sinistro da Rússia zarista

O assassino de Rasputine não quer perder um milimetro da sua glória...

A morte do sinistro Rasputine que libertou a Rússia dum dos seus mais cruciantes pesadelos, continua sendo assunto literário e jornalístico. Neste mesmo momento a imprensa de todo o mundo se ocupa da grande tragédia a propósito duma querela apresentada pelo matador do monge sinistro, o principe Félix Yosupof, actualmente emigrado em Paris.

O caso concreto, que mareceu as honras da primeira página ao diário «Luz», de 3 de Março corrente, de Mandul, é contada da seguinte forma:

O principe Felix Yosupof, o matador de Rasputine, apresentou uma querela contra uma firma cinematográfica de Berlim que acaba de estrear um «film» sobre o favorito das czarinas. Yosupof publicou um livro detalhado sobre o feito que considera o maior e melhor acto da sua vida, reclama uma indemnização de 50.000 marcos, perto de 400 contos, porque as cenas culminantes da película se não ajustam á realidade dos factos de que o principe exilado se mostra muito orgulhoso e que quer conservar sem mácula.

O assassino de Rasputine não quer perder um milimetro da sua glória...

CASO GRAVE

Uma morte provocada pelo desleixo dum médico

Um pobre rapaz, proficientemente operado e tratado por um médico, vem a morrer devido à incuria dum outro clínico

FALECEU há dias no hospital de S. José um rapaz que bem podia ter desaparecido do número dos vivos em virtude da gravidade da doença de que padecia, mas que, tudo faz acreditar, faleceu vítima do desleixo dum médico e não sabemos se de mais alguém.

Ao levantarmos este grito de alarme temos em vista dois fins: primeiro, cumprir para com os nossos leitores o dever de os informar; segundo chamar a atenção de quem de direito para um facto que merece ser esclarecido, de forma a chamar-se à responsabilidade quem tenha prevaricado.

Estamos a ver já alguns catões a acusar-nos de dissolventes e de inimigos da classe médica. Mas para lhes responder, basta ler as nossas campanhas contra os falsos médicos e bem assim os elogios que já temos publicado a alguns médicos que julgamos dignos dêsse nosso reconhecimento. E, justamente porque somos de opinião que a classe médica necessita para bem se desempenhar da missão que lhe está confiada, dum prestígio que a nenhuma outra faz tanta falta, por isso mesmo somos de opinião que urge regulamentar-lhe direitos e deveres, de forma a instituir-se entre nós a responsabilidade profissional, sem o que estaremos sempre sujeitos aos erros e—peor do que isso—à inépcia e negligência de alguns médicos.

Em 8 de Fevereiro, último, entrou no banco do Hospital de S. José, vindo da Azambuja, onde residia, João Pinto Caxado, de 15 anos, o qual se queixava de violentíssimas dores no ventre.

Visto por um dos médicos de serviço, o ilustre clínico sr. dr. João Almendra, fôra este de opinião que o doente necessitava duma intervenção cirúrgica imediata, visto padecer duma peritonite generalizada de origem apendicular.

Levado o doente para a sala de operações, foi imediatamente operado pelo dr. Almendra, tendo seguido, depois do necessário estágio na sala de observações, para a enfermaria do banco.

A operação decorreu com muita felicidade, a ponto de o dr. Almendra, mostrando assim, mais uma vez, os seus já provados dotes de coração e de homem de ciência, ter procurado o pai do João, que aguardava na sala de espera o resultado da intervenção, para o felicitar, pois, afirmava, temos homem.



O infeliz João Pinto Caxado, a vítima

Na enfermaria do banco esteve o pobre João sempre vigiado cuidadosamente por todo o pessoal de enfermagem e pelo médico operador, até que, no dia 15, verificando-se que o doente fôra atacado duma nova doença, uma parotidite ou papeira, e como essa doença é infecciosa, foi resolvido enviá-lo para o hospital do Rêgo, por ser esse o hospital das doenças infecto-contagiosas.

No mesmo dia foi o doente transferido e é então que começa a sua tragédia. A pesar de ter ali entrado no dia 15, só no dia 17 foi visto por um médico, que se limitou a tratar-lhe da papeira, nem sequer reparando que o doente era recém-operado, que tinha o ventre aberto e com dois tubos de borracha introduzidos para a saída do pus.

Seis dias depois, isto é, até ao dia 20, esteve ali o João, sem que nunca tivesse sido tratado do ventre, até que, naquela data, tendo sido dado como curado da doença infecciosa, e só então tendo sido verificado, tal era o mau cheiro que o doente exalava, que êle necessitava de assistência cirúrgica urgente, foi mandado transferir novamente para o banco de S. José. Daqui, visto e tratado, foi levado para a enfermaria de Santo Antonio, por ser aquela onde presta serviço o dr. Almendra, que o operára.

Este, mal tomou conhecimento do que se passava, apressou-se a ver o doente e, qual não foi o seu espanto ao verificar o estado em que lho entregavam novamente. Tendo verificado logo a impossibilidade de o salvar, nem por isso o abandonou um único dia, numa luta tenaz, carinhosamente coadjuvado pelo pessoal de enfermagem respectivo. Mas foi impotente para o salvar e o pobre João falecia ás 9 horas do dia 7 do corrente mês, no mais crueciantes sofrimento, do qual partilharam todos os seus companheiros de infortúnio ali internados.

Como admitir que nos nossos hospitais, onde muita coisa de bom ainda existe, seja possível haver pessoas, médicos ou não, que, sem respeito algum pela vida do seu semelhante, contribuam com a sua acção não só para o descrédito dos hospitais como para o da sua classe? E ainda haverá médicos, que com uma falsa noção do segredo profissional, se revoltam contra nós por atacarmos actos desta natureza?

Seja como fôr, com a autoridade que nos dá a nossa atitude perante os intrusos da profissão médica e perante a defeza dos interesses e da vida vida dos nossos semelhantes, reclamemos enérgicas providências, para que casos dêstes se não repitam.

Argus.

Um milagre...
por 60 centavos

A especulação dos postais...
miraculosos e dos talismans magnéticos

E' principio dogmático dêsse jornal não discutir matéria de consciência religiosa — enquanto não transbordar do seu leito natural, inundando terreno neutro. Mas, por vezes, somos allinados de modo a ferirem-nos — apezar do escudo da neutralidade. A venda de imagens Sagradas, fôra dos templos, sobretudo frente ás Igrejas do Chiado é um exemplo que vexa muitos catholicos sinceros. Mas ha mais — e pior. Nos últimos dias appareceram em varias vitrines uns postais com a gravura de St. Teresinha do Menino Jesus, num claro-escuro ingenuo e que, sob o titulo de «Magnifica Novidade Brasileira» prometem vagamente um milagre (ver-se a imagem da santa no teto da nossa casa, por um lento minuto de frouxa contemplação sobre uma estrelinha branca na mancha negra da gravura) fazendo duma vulgar illusão d'optica, digna de almanaque — uma especulação religiosa. O postal custa 60 centavos e... é prohibida a reprodução! Estas charlatanices não podem deixar indifferentes os crentes da boa fé!

Existem varios processos de negociar com a ingenuidade alheia. Conhecemos, em Barcelona, um editor, especializado exclusivamente nesta industria. Só um dos seus inventos — o talisman do Humalaje — rendia-lhe uma fortuna. Se um envelope contendo um pequeno Budha cujos olhos magnetizados pelo mais alimentar dos processos — o mesmo que usam os fabricantes de bussolas, produzem verdadeiros prodigios — ante o pasmo dos compradores — sendo o primeiro o de ficarem sem uma peseta, que era o preço do talisman. Ainda ha pouco tempo a policia parisiense prohibiu a venda de uns pós milagrosos, em que a ignorancia de certos crentes era velhacamente burlada. Mas nenhuma dessas burlas irritam como esta dos postais — pela estupidez do seu pretexto e pela irreverencia sacrilégia. E se a nós essa irreverencia irrita — muito maior deve ser a irritação dos bons catholicos.

MAGNIFICA NOVIDADE
BRASILEIRA

É prohibido reprodução-transformação deste sistema de fotografia



Os quatro pontos que se encontram sobre o nariz tem de se olhar com muita firmeza, e entretanto contar devagar mentalmente até 60, depois levantar a cabeça e olhar para um espaço d'uma só cor, seja no Ceu, ou no interior d'uma casa de dia ou de noite, do lado oposto á luz e sem mecher os olhos, espere que verá apparecer a imagem de St. Teresinha do menino Jesus

Mais feitos do banqueiro-agiota das Caldas da Rainha

Onde encontrou êle os apelidos de Martins e Pereira que pomposamente juntou aos nomes que lhe puzeram no baptismo?

HA alguns meses, e a propósito duma carta que nos tinha sido dirigida, publicamos no nosso jornal algumas revelações sensacionais sobre o banqueiro agiota das Caldas da Rainha, que tiveram o condão de fazer chover sob a nossa banca de trabalho dezenas de cartas que nos denunciavam o outro da rua Miguel Bombarda —onde está instalada a casa bancária M. A. Martins Pereira—como a mais miserável caverna de agiotagem que no país existe. Agora



... Como bom agiota não arrisca um centavo que lhe não dê lucro...

novas revelações nos chegam, juntamente com uma informação preciosa:—começou o declínio do emérito agiota do distrito de Leiria e a sua costumada acção nefasta está sendo ilaquiada pelas autoridades locais, e começa a lutar de encontro á indiferença dos seus conterrâneos.

Martins Pereira que se gabára de todos meter na algibeira e que pretendia ter na mão as forças vitais do distrito, que intrigando conseguiu fazer nomear uma Cãmara Municipal, de sua confiança, o que lhe daria grande importância local e lhe permitiria a situação cômoda de ser o arbitro da politica local, viu frustados completamente os seus planos, devido a acção inérgica e inteligente do respectivo Chefe do Distrito.

Desde que o *Reporter X* colheu nas suas malhas o benemérito cidadão, tem êle andado em maré de pouca sorte. Primeiro foi o negócio da condecoração que falhou, e que serviria para lhe dar importância e satisfazer a sua vaidade. E' uma história muito curiosa e que não resistimos á tentação de contar: um dia o sr. Martins Pereira entendeu que merecia ser condecorado como o hábito de Cristo. Conseguiu que fosse proposto mas o conselho da respectiva ordem não concordou, evitando o paradoxo de a Cruz de Cristo poisar sobre um agiota que possui uma história bastante edificante. Não se deu no entanto por vencido o nosso heroi, e tornou a publicar uma

nota das importâncias que distribuira pelas associações de beneficência como Bombeiros Voluntarios, Misericórdia, Hospital, Conferência de S. Vicente de Paulo, etc., etc., inportâncias que tinha distribuido calculadamente, como verdadeiro agiota que não arrisca um centavo que lhe não dê lucro, pois que apesir—de muito catolico não acredita nos que afirmam que dar aos pobres é emprestar a Deus. Não, que êle como agiota que até penhora as amantes, como já demonstramos, só empresta com garantia segura...

E' assim o estôfo d'êste homem que quer sêr —e tem-no conseguido por vêses—o dono e senhor das Caldas da Rainha. E' está a verdadeira personalidade do sr. dr. Manuel António Martins Pereira.

E a propósito destes apelidos sonoros, barulhentos, vem-nos ao bico da pena uma pergunta:—de onde vem semelhantes apelidos? Como se apoderou deles o famoso banqueiro?

Conhecemos essa história e não resistimos a tentação de a contar, não com os promotores que constam do nosso *dossier* e são edificantes, pois não queremos referir-nos a individuos que para ela não tem que ser chamados, —embora a sua acção seja de molde a justificar a nossa antipatia. Quem são os pais de Manuel António Martins Pereira que lhe legaram tão sonoros apelidos? Não o pôde confessar o famoso banqueiro que na sua certidão de idade de onde não constam os nomes dos pais que fala, somente de Manuel António, o *exposto*.

Diga o sr. Martins Pereira que nos mandou ameaças, onde conseguiu e aquem pertencem os pomposos apelidos que ornamentam a sua pessoa? Conhecemos os nomes dos seus pais,

sabemos quem êles eram, mas sabemos tambem que não quiseram nem podiam dar-lhe o nome, e por isso preguntamos a que propósito veem os apelidos de Martins e Pereira que sendo sufficientemente inexpressivos, indicam contudo uma ascendência que o benemérito banqueiro não possui nem pôde declarar.

Filho de incesto repugnante, tendo todas as taras que a ciência denuncia nestes casos, tem no sangue a razão de sêr do seu procedimento sórdido de agiota, a sua conduta cheia de perversidade. Por isso êsse homem não tremeu ao conduzir por sua mão o honrado comerciante António Valério até ao suicidio. E' uma história edificante esta.

Um dia um bemquisto comerciante das Caldas da Rainha precisou de dinheiro para desenvolver o seu negócio e recorreu á casa bancaria de M. A. Martins Pereira. Foi-lhe emprestada a quantia que precisava, embora com um juro elevadissimo. Como os negócios piorassem o referido comerciante, que se chamára António Valério, procurou o banqueiro e pediu-lhe um adiamento para o pagamento da dívida. Sorriente, esfregando as mãos, respondeu-lhe o sr. Martins Pereira:

—Pelo tempo que quiser... Precisa de mais dinheiro?...

E o comerciante, cumprindo êsse dever de correcção e honradez, ficou descançado até que um dia foi surpreendido por uma acção no tribunal e uma penhora iminente que não pôde evitar, apanhado á traição na cilada que o banqueiro-agiota lhe armára. Desorientado, só viu o desgraçado António Valério um caminho na sua frente: a morte. Suicidou-se no mesmo dia em que viu a cilada armada á sua honra e á dos seus.

E' assim êste piedoso varão que queria sêr condecorado... A sua história é longa e os seus factos são muitos, e nao podem sêr contados numa simples página de jornal. Recomendaremos num dos próximos numeros.

Reporter Diávolo.

TESOURADAS!...

Portugal, colônia da India...

Sabemos leitores que uma das nossas maiores glórias nacionais é o reduzido dominio que possuímos na India, mas ignoram, de-certo, que se em tempos que lá vão foi aquele dominio o que mais vantagens nos trouxe, é, actualmente, o que sob o ponto de vista económico maiores prejuizos causa á colonisação portugueza.

A colonisação portugueza de África é constantemente prejudicada pela concorrência dos portuguezes indianos que pouco a pouco invadiram a magistratura, os quadros do funcionalismo, o commercio, a industria etc.

Isto até certo ponto é razoavel e seria mesmo conveniente se não prejudicasse a colonisação dos portuguezes da Metrópole que lutam, principalmente neste momento, com o terrivel flagelo do desemprego e se os nossos compatriotas indianos ao menos se fixassem nas Colonias de África e ali dispendessem os proventos que pelo seu trabalho e economia conseguem no geral amealhar, e não provocassem uma gravissima drenagem de ouro para a sua terra natal.

Mais engraçado ainda é o que se passa na

Metrópole. Na India, segundo nós informam, não vivem nesto momento mais de meio cento de portuguezes europeus quando na Metrópole estão vivendo, trabalhando e amealhando para o regresso, algumas centenas de portuguezes naturais da India.

Esclarecimento necessário

Fomos procurados pelo sr. Engrácio Ferreira, visado no nosso artigo de ha duas semanas «6000 contos que voam», que nos demonstrou não ser verdadeira a classificaçao que lhe foi dada pelo burlão Armando Luis Rodrigues de *zangão*, pois está oficialmente reconhecido como corrector de câmbios.

Mais nós declarou que o motivo da raiva demonstrada pelo Rodrigues, contra si, vem do facto de êle Ferreira, ter sido quem apresentou áquêle, em tempos, o sr. António Gregório, que foi uma das vifimas do Rodrigues, pois perdeu 70 contos que depositára na casa d'êste, quando para ali entrada como empregado, e, ainda, por lhe ter apresentado outro senhor de apelido Azevêdo, que ficou sem o melhor de 500 contos.

JÁ VINHA NA BÍBLIA...

Foram encontradas as verdadeiras minas de Salomão

O tesouro imenso da Rainha de Sabah está intacto e vai ser explorado—A lenda de «sir» Rider Haggard traduzida por Eça de Queiroz era fundamentada mas não estava exacta

«E ouvindo a Rainha de Sabah a fama de Salomão, veio a Jerusaleem experimentar a Salomão com enigmas, com uma mui grande comitiva e camelos carregados de especiarias e pedras preciosas, veio a Salomão e falou com ele de tudo o que tinha no seu coração.» (II Chronicles 9 — Sagrada Biblia — pg. 346)

O profundo mistério que sempre cercou a lenda dos tesouros de Salomão, vai ser finalmente desvendado e o «Reporter X» tem agora a primazia entre a imprensa na sua divulgação.

As verdadeiras minas...

Salomão, despedindo a Rainha de Sabah depois de lhe haver socegado o coração desvendando-lhe o mistério da existência, não só devolve todos os seus presentes como lhe oferece o maior tesouro de pedras preciosas de que jamais houve notícia em toda a história.

Sábio e poderoso como era, Salomão teve o cuidado de explorar toda a incensurável riqueza que avaramente a terra até ali escondêra; assim os seus fieis vassallos remexeram o Solo, desviaram o curso dos rios, profundam as entranhas penhascosas das serras, esquadriharam nos mais profundos e sombrios dos vales, e busaram para glória e prazer do seu senhor as mais fulgurantes pedras e raros metais. Quando o sábio Rei rendeu a alma ao Criador, nada ficara por explorar. E' que o valor dessas incalculáveis riquezas não excedêra o da sua sabedoria que lhe ensinara a conhecer os homens e por isso pôde prever a proximidade do seu fim e com ele, a revolta dos cem reinos de Israel contra a casa de David... E ninguém, depois da sua morte, lograria igual fortuna e tamanho poder.

Das verdadeiras minas de Salomão ficaram pois os vagos vestígios da sua exploração... e o local...

Porem, a «Lenda das Minas» teria fortes e seguras bases para resistir a tantos séculos de atribulada vida, e chegar até nós vaga e misteriosa mas ainda com vislumbres de realidade.

O que são pois as verdadeiras minas de Salomão e onde se encontram elas? Eis o mistério que vamos revelar aos nossos leitores, infelizmente um pouco tarde já, para tentarem a aventura da sua descoberta, pois segundo lêmos ha pouco num jornal londrino, o Foreign Office tem em seu poder um mapa da região onde se encontram estes tesouros que serão em breve explorados, ou melhor transportados para o turbilhão dos mercados e sisudês dos museus. E' pena, mas também nós demasiado tarde o sabemos.

Chama-se Franck E. Hayter e é explorador e caçador de reconhecido mérito o afortunado mortal a quem coube a feliz descoberta dos tesouros da Rainha de Sabah, cuja grandêza e valor são dignos de classificar de «minas»—as minas de Salomão, porque do sábio rei vieram essas extraordinárias riquezas.

A rainha de Sabah, resolvida a guardar como a mais preciosa e única das suas joias, a doce lembrança dos momentos em que Salomão, a fizera de todas a mulher mais ditosa, mandou guardar longe das ambições e dos olhares profanos as ofertas que recebera do seu senhor.

A dedicação dos seus escravos, impôs a rainha a condição do sacrificio da própria vida para que este segredo jamais fosse revelado e as pedras ficassem eternamente puras, e fieis à

memória do seu sábio amante, como ela propria ficaria...

E a grande caravana que transportou o maior tesouro do mundo seguiu, a seu mando, através grandes desertos até a lendária serra de Tulu-Wal-el — em português «Seios de Sabah». Ali, no coração da montanha, construíram os dedicados servos da rainha B-la, um labirinto cofre onde depositaram como em sagrada jazida, o enorme tesouro de Salomão. Os montes de Tulu-Wal-el são cercados por um anel de exuberantes florestas virgens. Fieis ao seu compromisso, servos e escravos fizeram duma dessas florestas o seu lugar de sacrificio, transformando-a em fantástico bosque, onde todos pereceram, homens e animais, enquanto em nome do sagrado Deus Amon-Hamakhys os sacerdotes d'Edon lançavam a maldição para que aquela montanha ficasse para todo o sempre Tabú... E de então para cá, até ha poucos meses, aqueles dois enormes serros, os uberrimos Seios de Sabah, guardaram avaramente no mistério das suas entranhas o maior tesouro do mundo.

Hawash, o rio misterioso

Esta versão da lenda obteve-a Mister Hayters em Addis Ababa e logo projectou desvendar a verdade. A sua viagem, segundo a descreve até chegar às falhas dos montes Tulu-Soddü, não foi despida de peripécias várias e arriscados transe; nela perdeu quarenta das suas quarenta e cinco azémolas e nove dos seus quinze serviais. De notável até ali encontrou a nascente do Hawash «Rio Misterioso»—o único que não desagua no mar e serpenteia através do deserto para ir alimentar o enorme charco de Somali, na Africa Central.

A travessia do Tulu-Soddü, verdadeira muralha de quarto mil metros de altitude, foi a mais penosa parte de sua viagem, logo compensada pelo aprazível e prometedor panorama do que lhe se oferecia, uma maravilhosa floresta de extraordinaria beleza e exuberância que o aguardava na descida e, ao longe, os «Seios de Sabah», agora mais tentadores...

Os três dias de descanso que viveram no meio da abrasível floresta compensaram-nos bem das agruras sofridas até então, e talvez se tivessem prolongado, se não fóra o maldito vicio de caçador de Mister Hayter. Um dos caçafres fizera-lhe notar umas pedras deixadas por leão que certamente seria de excepcional importância. O explorador atribui a tentação de caçar a fera o ter descoberto a floresta da morte, e ter sofrido o maior terror da sua vida, que só a muito custo conseguiu salvar.

O caso foi que—segundo ele proprio descreve indo Mr. Hayter no pé da da fera, desviou os seus passos para muito longe do local do acampamento e mal deu pelas léguas que tinha percorrido e o levaram ao mais fantástico dos locais. Obscurecido pela ideia de não perder o rastro, só quando o havia de facto perdido reparou que a natureza do terreno que agora pisava era totalmente diferente de tudo quanto até ali seus olhos habituados ás maiores surpresas, havia visto. Os seus pés enterravam-se nesse momento num fôfo tapete de substancias mortas e poverolentas que formavam uma massa pastosa e mole. Uma tenue neblina envolvia toda a atmosfera; as árvores se fosse possível dar-lhes tal nome—mas lembravam grupos de esqueletos hirtos e ressemositos que macabramente houvessem abandonado todos os cemitérios da terra e tivessem convocado para ali uma assembleia geral... Isto tudo e o silêncio, principalmente o silêncio sepulcral no meio daquele cenário de tragédia e morte, provocaram os primeiros ca-



lafrios do terror que o havia de dominar, pondo-o ás portas da loucura, quando verificou que a cada movimento que fazia toda aquela macabra cena se movia e b lançava silenciosa e mole como num pesadelo de Edgar Poe. Gritou; mas somente o eco lhe respondeu, enquanto todo aquele mundo de morte se contraía arripiado com a presença do intruso que certamente iria castigar... Tremendo então como varas verdes e como ultimo recurso para dominar o medo, já quasi inconsciente, disparou a sua carabina uma, duas, três, quatro vezes, sem apontar, a esmo... a mão sobre os olhos para não ver a morte—as mortes que o cercavam. O ruído das detonações teve, porem, o condão de o reanimar um pouco e antes que o eco se calasse, num supremo esforço, resolvido a encerrar de frente o seu misterioso fim, destapou a cara e abriu esganiado os olhos; mas uma nova surpresa o esperava:—a espectral floresta de silêncio desfizera-se, como tocada por uma varinha mágica: Tudo se havia desfeito fria e silenciosamente, num pó branco de cinza velha que ainda pairava no ar, mas pouco a pouco ia assentando.

Estava de facto agora, a meio duma grande clareira: Ao longe, para leste, lá estava a mancha verde da floresta, donde viera; mas para o occidente... lá estavam agora mais visíveis e prometedoros os «Seios de Sabah», a não mais de dez léguas de deserto...

Mr. Hayters só mais tarde compreendeu que tinha acabado de desfazer a Floresta do Sacrificio dos servos de Sabah, que milagrosamente a natureza conservára para prova irrefutavel da verdadeira Lenda das Minas de Salomão.

A caverna de rubis e diamantes

A travessia do deserto, que o explorador realizou apenas acompanhado por dois dos seus mais valerosos caçafres foi-lhes imensamente di-

(Conclue na pagina 14)

DRAMAS CIGANOS

Um romance policial e uma cigana "detective"



Maria do Carmo, falando com o nosso redactor, consente, contra a tradição da sua raça, em deixar-se focar pela objectiva do «Reporter X»

O nosso ponto de vista acerca do que se convencionou chamar-se «erros judiciais» já aqui mesmo o expuzemos mais duma vez. Somos dos que preferem a condenação dum inocente a absolvição dum criminoso e, porque é assim, entendemos não poder ficar calados perante factos de que temos conhecimento.

Ha pouco mais dum mês tratamos no «Reporter X» do caso que classifica-mos logo de inicio, de «possivel» erro judicial.

Um condenado a pena maior, por homicidio voluntario, afirmára-se-nos inocente e garantiu-nos que fóra obrigado a confessar um crime que não cometera. Não possuíamos nenhum elemento que confirmasse ou lhes dissesse as afirmações e, por isso, fazendo alarde das suas queixas, firmamos bem que assim procedíamos levados pela nossa maneira de pensar sobre o assunto e, alem disso, pelo desejo de concorrer para o apuramento da verdade, da qual resultaria para nós o direito de chamar embusteiro ao que tão mau uso fizera da defeza que lhe proporcionavamos, no caso das suas declarações serem falsas, ou de solicitar providencias, no caso de serem verdadeiras o que nos contára.

Os nossos artigos originaram logo uma carta do senhor tenente comandante G. N. R. na qual o mesmo senhor com a autoridade e consequent: responsabilidade que lhe dão o uso de galões, nos afirmava serem falsas todas as afirmações por nós publicadas como porta-voz do condenado. Claro, que a categoria do nosso novo informador, do qual nos não é dado duvidar, nos colocou imediatamente na situação de tomarmos as suas declarações como autenticas, como verdadeiras, mas nem por isso a nossa situação sofreu, porque, no final de contas, nós, tínhamos sido os primeiros a declarar que o nosso desejo era apenas o de se apurar

mas sim dum erro de investigação e instrução do processo, que tal como é actualmente feito, levou os juizes a condenar um inocente e a absolver um criminoso.

O caso em que-tão é algo complicado e não p de ser tratado num só artigo, mas porque se estão realizando novas investigações policiaes tendentes a justificar um já antecipadamente justificado pedido de revisão do processo, vamos ocupar-nos dele, com o desenvolvimento que lhe merece.

A feira da Golegã no dia 9 de Novembro de 1930

Nos primeiros dias de Novembro de cada ano realisa-se na Golegã uma das mais importantes feiras do paiz, á qual concorrem em extraordinaria abundancia, muitas tribus de ciganos, que ali fazem as mais diversas transações, podendo á prova as suas invulgares qualidades de homens de todos os negocios.

Se bem que a maioria dos ciganos que frequentam as nossas feiras não tenham perdido a característica nómada, a verdade é que muitos eles, sem que tenham abdicado dos deveres que a sua raça lhes impõe, assentaram arraiais num determinado ponto, criando ali relações e situação que lhes permite viver com desafogo, ricos até.

Está nestes casos a familia Ezequiel, muito conhecida na Golegã e em todas aquelas redondezas, como sendo uma das mais abastadas. Outra familia, de ciganos tambem muito conhecida por aqueles sitios era a de José Domingos Calixto, o qual, com sua mulher Maria, do Carmo, constituam um casal que se bem que não vesse numa abastança comprovada com a do Ezequiel, a verdade é que era tambem um negociante de alta escala. Um dos motivos porque o Calixto era conhecido por todo o Ribatejo e por quasi todos os ciganos, devia-o ao

Almas misteriosas.—O crime.—Inocente ou culpado?—O calvario de uma mulher.—A feira.—Costumes exóticos.—Uma pista de verdade...

facto de ha anos ter dado morte a um homem, pelo que sofrêra condenação.

Na noite de 8 de Novembro de 1930, quando a feira já declinava e já quasi toda a ciganada recolhera aos seus acampamentos, juntaram-se no Largo da Feira José Ezequiel, dois filhos deste, Joaquim Ezequiel e um conhecido pelo «Dóce»; Domingos da Silva Estrela, o «Quico»; um filho deste, Antonio Domingos Estrela, o «Estrelado»; um irmão e um geuro do «Quico», respectivamente, Antonio Moura, o «Moritango», e Joaquim Badafo; e, um primo do Joaquim Ezequiel, Lucio da Conceição, ao todo oito ciganos.

Depois duma breve troca de cumprimentos, foi resolvido, a convite do «Quico», entrar na taberna conhecida pela do «Polichinelo», para beberem um café.

Depois de já estarem na locanda, o «Estrelado» deixou cair uma enorme navalha, dizendo uns que por descuido, quando ia a servir-se dela para comer um bocado de pão, afirmando outros que deixou cair de dentro a manga, onde a tinha escondida.

O caso não foi tomado em boa conta pelos Ezequiel, cujas relações com a familia do «Quico» não eram os melhores, o que originou uma troca azeda de palavras, acabando todos depois de o João Ezequiel ter puxado por uma navalha, por se desafiarem para o meio da rua.

Ao mesmo tempo que isto se passava, o João Ezequiel gritava para o filho Joaquim, que fósse a casa buscar uma espingarda, o que aquêle fez prontamente.



Domingos da Silva Estrela, o «Quico», o autor da morte de Ezequiel

O crime

Entretanto os contendores foram saindo para o largo da Feira, onde começaram a degladiar-se. Momentos passados aparecia o Joaquim Ezequiel com a espingarda carregada com dois cartuchos, mas não teve tempo de fazer uso dela, porque foi logo dominado pelo «Estrelado», que se lhe agarrou á arma, inutilizando-lhe os movimentos. Ao mesmo tempo, um dos contendores, o «Dóce», agredia com uma pá, na cabeça, o «Estrelado» que, por esse motivo cafu quasi de joelhos, mas sem nunca largar a espingarda.

Todos estes factos se passaram em menos tempo do que se leva a contá-los. O «Estrelado» vendo-se ferido, gritou para o pai:

— «Pai, mata que eu já estou ferido». E, prontamente, o «Quico», num gesto violento, conseguiu ver-se livre dos seus manietadores e, sacando duma pistola, apontou-a á cabeça do Joaquim Ezequiel, disparando-a quasi á queima-roupa.

Calcula-se a confusão, quando se ouviu o tiro e se viu cair mortalmente ferido o Joaquim Ezequiel. O pai do ferido agarrou-se ao filho a gritar por socorro, enquanto o «Quico» e os seus fugiam.

Ao mesmo tempo que todos estes factos se passavam, o José Domingos Calixto, que até então se encontrava na taberna do Peixe Frito, correu aos gritos, tendo chegado junto do Ezequiel quando ele já estava por terra ferido, e quando junto dele já se não encontrava nenhum dos da sua familia.

Procurava o Calixto, como é fácil perceber-se, demais ele que não assistira á cena, para informar-se do que se passava, mas, chamado de longe pelos seus, correu ao seu encontro e fugiu com eles, a cavalo, para sitio desconhecido, então.

O ferido foi trazido para Lisboa e fale-



Um acampamento de ciganos

cia no hospital, momentos depois de ali ter entrado.

A versão dada pelo pai do morto

Tudo quanto acabamos de contar é o relato autêntico de como os factos se passaram, e que não está de harmonia com as declarações do pai do morto e com as das testemunhas por elle apresentadas.

O João Ezequiel, logo que chegou ao hospital de S. José, com o filho, fez constar que o assassino do Joaquim fóra o Calixto. O fim a atingir com semelhante estratagem era este: O Ezequiel, um dos maiores negociantes que concorrem a todas as feiras, acusando o Calixto, via-se livre do seu maior concorrente na chamada Borda d'Agua, isto é, em todo o Ribatejo, ao mesmo tempo que ficava com o campo livre no Alemlejo, onde o «Quico» tem maior acção, por o não ter acusado. E por uma simples questão de concorrência em negócios, conseguiu preparar as coisas de maneira a fazer p ovar que fóra o Calixto o assassino.

Estranhar-se-há que, estando o Calixto inocente, elle tivesse fugido tambem com o autentico assassino. Mas esse facto explica-se cabalmente, se se souber que entre ciganos é vedado aos familiares accusarem-se uns aos outros, como tambem lhes é vedado serem testemunhas uns dos outros. A acrescentar a isto, temos o facto de, sempre que um cigano é obrigado a fugir por acto praticado, é de uso os seus fugirem tambem.

Temos assim explicada a atitude do Calixto, e, ainda o facto de no processo que foi a julgamento não figurar como testemunha um único cigano.

A acrescentar a isto temos ainda o facto de, naquele processo não figurar um único depoimento de nenhuma das pessoas que tomaram parte na desordem que deu origem ao crime, o que, salvo melhor opinião, é a principal base para o mesmo processo ser nulo.

As novas investigações

Há em todo este caso uma figura de mulher que, nem por ser cigana ou ser de condição humilde, merece menos a nossa maior admiração e piedade. Trata-se duma filha do Calixto, Maria do Carmo, que tem trabalhado incessante-



Maria do Carmo e seu marido, José Domingos Calixto, o condenado

mente para que seja feita justiça a seu marido, não havendo perigos ou cansaços que a façam rascar ou esmorecer um ápice.

Essa mulher, que se apresenta da maneira mais miseravel, cumprindo á risca com as disposições da sua religião, logo que o marido foi condenado, cortou o cabelo rente, deixou de usar camisa, e passou a andar descalça, vestindo andrajosamente e trabalha noite e dia para fazer provar que seu marido está inocente.

Tem sido ella, quem acompanhando o agente Migueis, tem percorrido quasi todo o paiz, em busca da verdade, em procura das testemunhas que sabem a verdade. E já muitos têm sido encontrados e já muitos têm dito a verdade, que não é a que as primeiras investigações apuraram nem a que chegou ao tribunal que condenou o Calixto.

São todos estes factos, importantissimos, que viremos relatando em reportagens futuras, vividos pelo proprio reporter.

ALVARO ANSELMO

Quem tinha razão?

Está-se confirmando o que dissemos sobre a Companhia Nacional de Navegações

O «Seculo» publicou no dia 10 do corrente a seguinte noticia:

«Pelo resultado do inquerito a que se procedeu na Companhia Nacional de Navegação, apurou-se que foram gastos cerca de 700 contos sem justificação, figurando entre elles gratificações ao pessoal da Capitania do Porto e da Sanidade Maritima, que as não costuma receber.

«Quem apresentou essas verbas foi o despachante da Companhia de apelido Freire, o qual, ouvido pela comissão de inquerito, declarou que procedera em vista de instruções recebidas.

«O caso foi entregue ao presidente do conselho de administração, sr. engenheiro Pinto Machado, parecendo que será levado á proxima assembleia geral da Companhia».

Quem tinha razão?...

A ZEITE
SANTA CRUZ
 O melhor para mesa
 RUA DO ALMADA, 179-1.^o
 TELEFONE 4998—PORTO

Algumas aneddotas inéditas da vida

boémia de Leopoldo Frois

Morreu Leopoldo Frois. O público de Lisboa não terá mais ocasião de admirar esse actor illustre, verdadeiro *Brummel* da scena portuguesa, que uma tuberculose traiçoeiramente viti-mou na Suíça onde tinha ido em procura de remédio para o que era já irremediável. Culto, viajado, atraído para o teatro por uma vocação irresistível que o obrigava a atirar às malvas a carta de bacharel em direito, para abraçar a nova carreira em que foi grande, tendo trabalhado em Paris, no Brasil, na Argentina, em Montevideu, em Portugal, a sua vida é um ropário de encantadoras aneddotas e aventuras que ele sabia contar com uma graça inexcidível. A sua acção agitada denotava impetividade e generoso, boémio de espirito, amoroso, conservador interessante e culto, extinguiu-se como um lampejo brilhante, deixando um rasto doloroso no coração de todos que tiveram a dita de o conhecer.

São algumas dessas aneddotas, alguns desses episódios soltos da sua vida de boémio impetivado, ainda inéditos, que nos propomos contar neste artigo, revelados por um amigo íntimo que no-los contou pranteando a morte do amigo querido e lastimando a perda do grande artista.

Uma «partida» paga com juros de usurário...

Leopoldo Frois foi sempre um bom colega, gostava de brincar com todos, mas não gostava que brincassem com ele... No principio da sua carreira, trabalhava no Agua de Ouro, do Porto, o actor Adriano Guimarães entendeu dever pregar-lhe uma *partida*. Se bem o pensou melhor o fez. Enquanto Leopoldo Frois estava no palco, entrou no seu camarim e cozeu-lhe a manga do casaco. Frois tinha uma mudança rápida. Ao ter que mudar de indumentária gritou, barafustou, zangou se, e por fim teve que enfiar à pressa uma casaca dum colega... com calças amarelas.

Leopoldo Frois não gostou e jurou pagar-se com juros de usurário. Adriano Guimarães tinha uns sapatos de verniz, novinhos em folha, que tinha comprado para uma *première* e eram os únicos. Frois esperou que ele entrasse em scena, assaltou-lhe o camarim, e pregou um dos sapatos com um prego ao chão. Quando A. Guimarães, apressadamente, enfiou os sapatos, ficou pregado ao soalho, sem poder sair de onde estava e

acabou por entrar em scena de casaca e com as botas amarelas que tinha trazido de casa, o que lhe valen os remoques de certo crítico mais reparador...

Como se pode somar barato...

Nessa estadia no Porto, Leopoldo Frois era frequentador assíduo do «Leque de Ouro», o café da rua de Cima de Vila, tão conhecido de boémios e artistas, onde ia comer as célebres tripas com feijão branco, petisco muito do seu agrado. Mas um dia o seu descontentamento foi grande: o prato predileto tinha encarecido na mesma proporção que tinha diminuído a quantidade. Não



O último retrato do malogrado artista

concordou Frois com a inopinada alteração que duplamente encarecia o seu prato favorito e resolveu pregar uma *partida* ao proprietário do café. Pediu «tripas para um» e quando a travessa estava quasi limpa levanta-se, e dando dois sócos na mesa grita em alta voz:

— Que porcaria! Protesto! Protesto... Isto é vergonhoso!

Logo correm receosos do escândalo os criados e o proprietário da casa e o grande actor não se desconcerta, mostrando alguns cabelos juntamente com os restos da comida. Desculpas e mais desculpas, mas nada comovia o irrequieto freguês, que por fim acedeu a aceitar um bife como compensação.

Um amigo que assistira a todo o escândalo admirou-se, e à saída perguntou a Leopoldo Frois como tivera coragem de comer o bife, depois de ter encontrado o punhado de cabelos na restante comida. Parecia impossível—dizia—aceder a tão grande porcaria...

Resposta pronta de Leopoldo Frois:
— Porcaria não! Nos meus cabelos tenho eu confiança... Foi uma maneira de dobrar a dose sem pagar mais...

Entrada a tempo...

Um dia um grupo de furiosos dramáticos da Figueira da Foz convidou o illustre actor brasileiro a assistir a uma récita que davam num dos clubs da terra e onde levavam à scena o *Anjo Maldito*, um dramalhão de faca e alguidar, próprio para fazer chorar uma plateia de espectadores de teatro de amadores.

O protagonista, um caixeiro pretencioso da terra, tinha recomendado a Leopoldo Frois que admirasse bem o seu trabalho pois que ele fazia o *paralítico* sem manta nas pernas, ao passo que o grande Alves da Cunha — e aqui o pateta dava um tom irónico à palavra grande — disfarçava o trabalho com uma manta. Frois achou graça e foi ver. A primeira cena representava o inferno, mas o cenógrafo estudara mal o trabalho e o inferno quasi não tinha entrada. Tocou o *tam-tam*, e o interprete que fazia o *Diabo* enfiou pelo buraco mas não cabia. Por entre a atrapalhação dos improvisados actores, Frois gritou da plateia:

— Toma o eléctrico e vai pela outra porta.
Foi um sucesso de gargalhada.

Aposta bem ganha

O illustre actor actuava na Companhia Robles Monteiro, então no Teatro do Ginásio, onde Leopoldo Frois fazia um magnifico papel no *Senhor que se segue*. Um dia recebeu no camarim um rolo de papeis e uma recomendação dum amigo que lhe escrevia: «Vai aí uma peça de fulano, que pediu que t'a recomendasse, unica maneira, diz ele, de a leres. Aposto duzentos escudos em que nem mesmo assim o fases...»

Passados perto de dois meses, depois de muito instado, Leopoldo Frois devolve a peça, ao amigo com um bilhete em que dizia: «Aí vão os duzentos escudos. Perdi a aposta, pois... não fui capaz de ler a peça...»

Era assim o maior actor brasileiro que para sempre deixou o palco da vida, onde a sua personalidade distinta de homem da sociedade, e a sua mocidade boémia lhe tinham marcado uma situação de relêvo.

COSTA JÚNIOR

Reporter X

continua escrevendo os seus artigos com canetas

E A G L E

Este número do «Reporter X» tem 16 paginas a duas côres, custa 1\$00 e foi visado pela Comissão de Censura

Quereis dinheiro?

Jogai no

Gama

R. do Amparo, 51 - LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

SEMPRE SORTES GRANDES!!!

Na Babilónia flutuante

Uma visita ao «Atlantique»

O gráfico da cidade...—Boulevards e Palaces.—Os vândalos de Lisboa.—Um banqueiro argentino e um ilusionista dinamarquês.—Mr. Blanchard—redactor do «Petit Parisien».—O escândalo do «V»

A TRAVESSANDO a Rotunda, toda constelada de arcos voltaicos, cercada por um roda-pé fascinante que recorda a Place Vendôme, entramos no boulevard—boulevard de sonho, cujo ceu nos rolda a poucos metros da nossa cabeça, que oferece aos nossos pés um asfalto liso como um parquet, policromo como um tapete e em que a atmosfera é tepida como uma porta de Nápoles. Quanto tempo sirandamos por esse longo e fantástico boulevard? Os relógios não se harmonisam com a contagem do tempo do nosso espanto... A cada passo uma nova sedução nos prendia. As belas vitrines, recordando *Frederick Strasse* de Berlim, a *Rue de la Paix*, de Paris, a *Carrera de S. Jeronymo*, de Madrid, *Regent Street*, de Londres; a *Rue Neuf*, de Bruxelas, o *Boulevard do Keyser* de Antuerpia, a *Avenida Central*, do Rio; vitrines de alfaiates, de modistas, de joalheria, de *bric-à-bracs* luxuosos, de cabeleiros, de livrarias com os mais famosos *vient-de-paraitre*, de moveis alguns de um *mise-en-scène* da *Paramount* ou da *Ufa*; de quadros de esculturas, de sapatarias, de confetarias, de *charcuteries* de floristas—e até de autos! De autos, sim senhor! *Stand Citroën* com dois carros, preciosos como joias em estojo de veludo, em cada mostra e carros, lá dentro, no interior da loja... «Só este boulevard—informa-nos alguém—rende em média muitos milhares de francos diários e emprega perto de cem indivíduos, entre caixeiros, gerentes, etc... Nos últimos dias, entre centenas de negócios que se fizeram, consta-se a venda de duas *limousines*...»

Passeado, o boulevard, defrontamo-nos com o portico magestoso, digno de um *Palace* de Nice ou de Ostende. Um enxame de *grooms* vistosos afastam as placas de cristal à nossa passagem e entramos num salão feérico, uma verdadeira floresta de colunas de mármore negro, o solo como que atapetado de nuvens brancas e fofas—*mapples* exóticos mas carinhosos, estendendo, de todos os lados, os seus braços de veludo como que a desafiar a volúpia preguiçosa que o ambiente nos contagiasse—livros e revistas de todos os paizes, aos montes, por cima dos coxins, dos tamboretos... Atravessamos o solar, contamos várias *bates* em todos os estilos, cenografados pelo talento caprichoso e amavel de Fugita, o celebre pintor japonês que, nestas decorações ganhou a bagatela de 2000.000 de francos! E mais salões—salões de baile, de jogo, de palestra, de musica, cada um no seu estilo e todos fantásticos de luxo, de suntuosidade, de imponencia—de extranhete—Teatros, cinemas concertos, expansões... Segredos cochichados, a medo, aos nossos ouvidos: «Vê aquele lustre, espécie de dragão aereo, feito de cristal e todo ele zig zagueado por tubos de mercurio que derramam esta luz azulada de sonho de opio? Pesa 3000 kilos!»—«Vê este jogo do divans? É uma criação unica de modista—a rainha dos atelieres de decoração: custou 500.000 francos!» «Vê este quadro que forra toda a parede? Foi disputado ao Museu de Rotterdam e vendido por 700.000 francos: é um *Van Dayel*!»—«Vê esta estatueta que se ergue no meio do hall? É o *grand-prix* de escultura do ultimo salon de Roma!» «Atingimos—por fim, a apoteose—a sala de jantar! Centenas de mesas que são conchas de marfim. Sobre as toalhas douradas borboleteiam os caprichosos e os minusculos *abat-jours* de todas as cores. Em cada mesa, semi ocultos sob bonecas coquettes, aparelhos de telefone, para toda a parte; aparelhos de T. S. F. que immortalisou todo o Universo. Cinco escadarias monumentaes trepam até ao infinito. Um tapete imenso—planeado por Fugita, espalha pelo soalho mi-

lhares de arco iris e a fofidez suave de uma praia grega... Oito ascensores (mas, em todo o passeio contamos vinte e dois) estão ao serviço dos comensais. «Só as paredes—todas em laca custaram 4000.000 de francos—ilucida-nos o nosso *cicerone*... «Aproximamo-nos delas para contemplar melhor—e notamos lhe um gesto de cristianidade... Não tardamos a compreender a razão desse gesto... É que aquelas paredes preciosas estavam mediavelmente maculadas—com graficos desenhos e palavões de fazer corar um arrieiro, rabiscadas a canivete e em por-



Mr. Blanchard, redactor do «Petit Parisien»

tugêus!—«Estivemos já em doze portos, fomos visitados por curiosos de oito paizes—e só em Portugal sofremos este vandalismo. Eis a explicação porque dificultamos, em Lisboa, a entrada a bordo dos visitantes.»

Que—estavamos não de visita a uma cidade de maravilhas mas a bordo de um navio, de um transatlantico, duma babilonia flutuante, mais requintada, luxuosa e bela do que todas as cidades que conhecemos. Boulevards, rotundas, lojas, *stands*, autos, salões, quadros, ascensores, arcos voltaicos, bares, Palaces, florestas de colunas—tudo o que filmamos num rapido apontamento—pertence ao recheio do *Atlantique* o maior e o mais extraordinario navio que corta as águas do oceano! E se o cenário, a *mise-en-scene* nos embriaga—o elenco dos seus passageiros não é menos suggestivo...

Mr. Salinas Urrugoe—o mais rico banqueiro de Buenos Ayres... É um jovem de trinta anos, que veste com a simplicidade dum modesto empregado:—«Entrevistas? Mas nada posso dizer que interesse ao seu jornal. Venho da Europa... Negocios sem importancia... Um credito de 50 milhões de pesos a uma companhia austriaca para fornecimento de carne congelada; 80 milhões de pesos para arrematar a parte hungara da Companhia dos Comboios electricos dos Andes—que fica sendo agora só Argentina—só minha! Cem mil libras d'emprestimo ás carreiras aereas

da Asia Menor—uma companhia turca, protegida pelo Mustafá Pachá, de quem sou amigo pessoal e com quem fechei contracto para transporte de imigrantes em navios de uma empresa turca—argentina... O resto—foi apenas uma viagem de prazer!»

Ah! Banqueiros do «Atlantique»—como eles pronunciam bem a palavra prazer. A' sua volta esvoaçam tres lindas mulheres—uma grega, uma rumica e uma turca—turca sem veu, turca que não foi, seguramente o dictador de Angora que lhe ofereceu, como recordação da velha Bizancio—porque, estou certo, de Mustafá Pachá a conhecêsse—teria ficado com ela! Mais adiante um *gentleman*, em ar de banqueiro. É Mr. Edwar Wolks—o rei dos artistas de music-hall o mais original dos ilusionistas.—Percorri—já o mundo inteiro—mas não conheço a América—conta-nos ele. Tenho 38 contractos já firmados com os melhores teatros da Argentina, do Brasil, do Chile, de Venezuela, etc... O mais modesto deste contracto—é o de Lima-Peru: 800 dolars por noite... Ah! Não se surpreende: o meu trabalho é dos mais caros da cena moderna. Viajo com 50 empregados... «Entretanto acercou-se um secretário: «Ouve, Harry, cuidado com Eleonor... Não te vás deitar sem vêr se ela precisa de qualquer coisa! O do carinho é pouco para Eleonor».—«Eleonor é alguma artista da sua Companhia—uma *vedette* talvez?—indaguei.—«Não senhor: é uma gibioia domesticada—o número mais valioso do meu repertorio».—Dez minutos depois o mesmo secretário vinha receber ordens. «Eleonor não precisa de nada? Bom... Vae vêr a Silly—e nada de preguiças! Se ela continua com as manhas do costume, já sabe o que lhe sucede».—Silly é algum bicho da sua colecção?—perguntei ingenuamente. E o ilusionista, saltando uma gargalhada, ilucida-me: «Não senhor: é a estrela da minha companhia—uma bailarina dinamarquesa de genio insuportável!»

Depois um ex-presidente do Paraguay, caído na desgraça que regressa à pátria por subscrição da colónia do seu pais em Londres; uma aventureira russa—a quem se atribue as maiores proezas da espionagem, durante a guerra; e por ultimo...

Por último—um camarada illustre, Mr. Claude Blanchard, redactor dum dos maiores jornais do mundo—o *Petit Parisien*—e enviado especial do seu diario à Argentina. É um gigante com ar infantil, intelligencia viva e uma cultura vulgar. A sua entrevista é rápida, vertiginosa—de técnico para técnico.

—Um grande jornal como o meu necessita estar em contacto com todos os problemas mundiais—directamente, por meio dos seus redactores. O «Petit Parisien» actualmente tem oito redactores em viagem especial pela Asia, Africa e Europa. Alberte Londres abandonou-nos! É um inquieto! Só ele realizou para o «Petit Parisien», em oito anos, quarenta e cinco «raids» por vinte e dois paizes diferentes! Eu próprio, em poucos meses, fiz cinco viagens: a Copenhague, por ocasião das eleições, a Budapest, quando se esboçou um movimento comunista; a Roma, quando foi o conflito de Mussolini com o Vaticano; a Belgrado na última revolução; etc. Na Abyssinia eram doze reporteres estrangeiros—para testemunharem a coração do novo negus. Estavamos a 3.000 quilómetros do litoral e dispunhamos apenas de um fio telegráfico, que atravessa todo um deserto. Um dia estavamos à beira, para telegrafarmos aos nossos diários quando, de súbito, se interrompeu a comunicação. Partiu logo um auto para reparar o fio—e sabe o que motivou o acidente? Uma girafa—uma girafa que antipatisára com aquêl traço metálico que cortava o horizonte e como o atingiu com a cabeça—não descançou enquanto não o deitou por terra...

«Política? Não existe já politica em França—como não existe politica no mundo. Existe apenas uma lucta: conservadores de todos os tons e comunistas! O resto são detalhes insignificantes... Crise? A França vai sofrer-a e bem cruel. A ilusão do seu ouro—tornou mais difficil a resolução do problema, A' medida que as pira-

(Conclue na pagina 14)

O caso da Morgada da Apariça

Uma carta do Dr. João de Castro Osório, esclarecendo o assunto

... e um comentário redactorial

Do sr. dr. João de Castro Osório, advogado da tutora da interdita Morgada da Apariça — recebemos a seguinte carta que foca certas referências que sobre este caso têm sido feitas, durante a nossa reportagem do «Desfalque de 400 contos»:

«Meu caro Reinaldo Ferreira: Basta-me, creio, invocar a sua nunca desmentida lealdade, para lhe pedir a publicação desta carta no seu jornal, afim de evitar, desde já, especulações menos dignas de pessoas que defendem ocultos interesses. Trata-se do caso da Morgada da Apariça. Poucas palavras bastarão para pôr as coisas nos seus devidos termos: Foi a fortuna dessa senhora, interdita por demencia, administrada durante muitos anos pelo advogado Alberto Pinto Gouveia, primeiro como advogado do Tutor, Luís de Mesquita Pimentel, e depois da morte deste, com Tutor. Contra este senhor propôs a família da Interdita um processo de remoção, longamente rebatido e em que vim a figurar, por último, como assistente aos autores, em nome da requerente da Interdição, senhora D. Maria da Conceição da Mesquita Pimentel. Foi esse processo intentado pelo advogado Maurício Costa, que em determinada altura subscreveu, sem reservas, no advogado Albertino da Veiga Prêto Pacheco. Foi julgada a remoção contra o advogado Pinto Gouveia e a sua remoção decretada pelo Conselho de Família e confirmada pelo Conselho de Tutela. Muitas e ocultas pretensões se levantaram nesse momento para a nomeação da nova Tutela. Entenderam, porém, os legítimos interessados, únicas pessoas de família com legitimidade para tal, nomear Tutora uma senhora da maior responsabilidade, cujo nome respeitado e meios de fortuna pessoal punham ao abrigo de qualquer suspeita. Não contribuí para esta nomeação como não contribuí para a escolha, que esta senhora fez, do meu nome para seu advogado. Esta situação legal e correcta, despertou, porém, muitos despitos — dos que haviam sido afastados da administração e dos que a pretendiam, agravadas por muitos interesses e situações ilegítimas que tiveram de ser contrariadas. Daqui as insinuações, as calúnias, com que, servindo ocultos interesses, podem tentar, através de todos os meios, enganar o seu jornal. Não teme a minha constituinte a análise de qualquer dos seus actos. Todos eles são legais e honestos. De resto, só no processo e pelos meios legais eles podem e devem ser apreciados, e não servindo-se de atitudes de suposta moralidade, para criar o ambiente do descrédito e para servir ocultos fins. Precisava de lhe dizer isto para que, contra a sua vontade e dos seus colaboradores, não pretendessem servir-se do seu jornal como instrumento dos interesses ilegítimos dos que, enredando, confundindo, procurando magoar. A campanha esboçou-se a propósito de um processo criminal pendente contra o senhor José Figueirêdo dos Santos. Ninguém mais do que eu lamenta a situação e deseja que a sua defesa — hoje

inteligente e honestamente dirigida pelo sr. dr. Alvaro dos Santos Nogueira — possa ser completa e cabal. Mas é minha obrigação dizer que esse caso é absolutamente estranho á administração da Morgada da Apariça e com ele não têm ligações algumas. «Porque o meu hábito como advogado é só discutir nos Tribunais aquilo que aos Tribunais está adestrado, único critério moral e justo, não deveria, no entanto, para evitar falsas interpretações, deixar de marcar a minha posição desde já. E creio que ao seu espírito leal agradará marcar assim a posição para evitar que ocultos interesses uanobrem contra o que é justo, iludindo a boa fé dos jornais e jornalistas que não podem conhecer todos os factos.

«Agradecendo desde já a publicação desta carta, sou seu, etc, João de Castro Osório.

O «Reporter X» desde o seu início que se rege pela sábia experiência da mãe de César — no que se refere á sua ininterrupta actividade de franco-atirador contra tartufos e ignominias ocultas: não se contenta em ser honrado até ao escrupulo mais insignificante; quer também que essa honridês seja bem patente, bem visível, inofismavel e sem calcanhares de Aquiles para as linguas de ponta e mola dos agredidos, dos desmascarados ou dos de peitadões. E graças a esta medida preventiva e sabia, *signè* matrona romana, após tantos Verduns jornalísticos — ainda não houve processo de nos poderem acusar de uma fraqueza menos elegante. Ao preambularmos esta nota com um desabafo deste género — não pensamos sequer que existe no espírito do dr. João de Castro Osório a menor suspeita sobre qualquer atitude deste jornal; e esta certeza — porque é uma certeza — não vem apenas da impossibilidade de equívoco, criada pela eloquente seriedade dos nossos processos profissionais — mas sobretudo da velha camaradagem espiritual e moral que une aquêle distinto advogado e publicista a quem dirige este semanário. Da mesma forma — e pela mesma razão — não existe, da nossa parte qualquer suspeita contra o dr. João de Castro Osório. Errar, se é perdoável, por ser humano — muito mais o será numa profissão, como a nossa, em que o enciclopédismo do assuntos nos obriga a aspirar a matéria prima das reportagens em tôdas as fontes informativas que se nos podem oferecer. Embora seja costume nôsso coar estas informações escrupulosamente, através mil provas dos nove, nada mais fácil do que a filtração de uma ou outra falsidade sugestiva e convincente. Da nossa reportagem sobre o caso da Morgada da Apariça — a que fomos levados apenas pelo dever de desencardir uma roupagem doirada que alguém arrastou pela lama dos boatos — não houve, até agora — a mais leve insinuação, aparente ou semi-oculta, mas menos lisongeira para com o sr. dr. João de Castro Osório. Do contrário, inevitavelmente, embora nos custasse o *Hara-Kiri* de uma velha amizade de

alma e cérebro, o seu nome teria sido já trespassado pelas nossas penas e exibido ás furbas, como as cabeças dos tiranos, no alto das lanças dos *sans-coulottes*. Se houve deficiência plastica no recorte do nosso ultimo artigo, e essa deficiência foi dilatada pelas lupas criminosas dos caluniadores, não era ela da nossa parte intencional, premeditando uma picada venenosa na reputação do sr. dr. João de Castro Osório. Como resposta á sua carta — prometemos-lhe ser inquisitoriais para com ele, quando os nossos informadores nos trouxerem a análise quimica dos seus pecados — promessa esta que, seguramente, o deixará tão tranquilo no seu sono — como a nós na nossa amizade, porque a nossa amizade não saberia nem saberá nunca sobrepor-se aos dogmas da consciencia, ocultando faltas ou desenhando curvas a meio das nossas rectas.

REPORTER X.

A exposição dum pintor que sabe ser modernista

Já varias vezes tenho tido occasião de referir a João Carlos, artista que nas varias manifestações intellectuais em que trabalha tem sabido merecer o qualificativo de illustre. Ainda ha dias recebemos um livro seu, intitulado a «Fisionomia da Morte», em que nos apresenta com muito brilho e intelligencia uma tésse de medicina. Já depois disso tivemos o grande prazer espirital de visitar uma exposição de arte onde o pintor e o desenhador justifica os elogios que mereceram o escritor e o medico — pois que em todas estas modalidades do pensamento, o sr. dr. João Carlos Celestino Gomes ou o artista João Carlos consegue ser illustre.

Na exposição que agora tem patente na Papelaria Progresso, João Carlos mostra-se um artista completo. «Praesépio» é uma tela de boa composição.

Em cada uma das figuras deu-nos uma expressão de sentimento.

«Fandago» é uma bela expressão do nosso folclore, onde as tintas não têm bizarras irritantes, que alguns pintores julgam ser uma virtude do modernismo.

Tambem João Carlos nos retratos se revela ser um artista e o seu auto-retrato é a prova real desta confirmação, assim como no desenho cheio de aerejos, mas dentro da verdade e do bom senso.

Por tudo isto, a exposição de João Carlos é uma afirmação de real talento e a reprovação mais completa da afirmação dos que não sendo modernistas por impotencia, afirmam que o modernismo é o refugio dos falhados...

C. J.

PAGOOL
 Conselho dum velho galo
 á seu fillo
 Toma
 Pagool
 Cystites
 Urétrites
 Prostatites
ENERGICO ANTISEPTICO

Revelações sensacionais

Como são roubados os diamantes de Angola

O receptor dos roubos—Um crime no Oceano
—Tiro inoportuno—Um combate no matagal

Continuação do numero anterior

—Onde está «diamante»?—prguntou o comerciante, num tom rispido.

—«Siôr, nós não saber diamante».

—Onde está, diamante?—repetiu o velho Brito metendo um cartucho na camara da espingarda com um sêco movimento da culatra.

—«Siôr» ..

—Onde está?

E com grande espanto meu, que assistia surprezo àquela inesperada cêna,—depois de muitas ameaças e alguns bofetões dados pelo atleico M'Combo, os negros foram lançando aos pés do comerciante, entre lamentações em lingua «quicôa», as compridas canas de assucar que todos levavam nas mãos.

Depois sentaram-se no capim e quedaram silenciosos, como estatuas de ébano.

Sem deixar de os vigiar, o meu resolutio companheiro, ordenou sêcamente:

W'Combo! Vê os diamantes!

O creado sacudiu as hastes sacarinas, bateu-as, soprou nos pequenos orificios dos extremos e, por fim, reuniu na denegrida mão uns dez diamantes de razoável tamanho.

—Mostra a esse branco!—ordenou seguida mente Sarmento de Brito.

Eram, de facto, óptimos diamantes, representando uma pequena fortuna.

As chagas do leproso

Sêcamente, sempre de carabina pronta, o comerciante interrogou largamente os negros. E no final, elucidou-me:

—São mais completas do que eu julgava as patifarias que se praticam em volta dos diamantes.

Os negros acabam de dizer-me que fugiram das minas, onde trabalhavam, saindo das galerias por uma espécie de caminho subterraneo que só eles conhecem, situada no triangulo formado «entre as duas grandes galerias centrais e a primeira galeria transversal».

Transportam os diamantes entre a carapinha e, logo que chegam aos descampados, metem-nos em canas de assucar.

Outros há, porém, que, friamente, se ferem profundamente no corpo e ocultam as pedras preciosas nas chagas, deixando-as, depois, cicatrizar. Quando chegam ao local onde o comprador dos diamantes roubados combinou encontrar-se com eles, reabrem as feridas e retiram os diamantes...

Acabando de me me prestar estas explicações, Sarmento de Brito, fez um gesto a um dos negros que se aproximou com lentidão.

Ao chamá-lo, receei com um instintivo assomo de horror.

Aquele homem era leprozo, um verdadeiro montão de carne apodrecida! Aquilo que parecia sêr a cabeça era cheto de crôstas azuladas e de purulências viscosas, escorrências fétidas.

Apavorado, vi nitidamente o leprozo, a um acêno imperativo do comerciante, meter os dedos nas feridas horrorosas remechê-las e tirar de lá uns, cinco, quinze, dezoito diamantes!...

—Que diz a isto?

—Espantoso!—tubietei quasi sem saber o que dizia.

E os negros passaram deante de mim, mostrando chagas, côrtes horrorosos nas mãos, nas costas, nos pés, sob as unhas e até na parte inferior da lingua—feridas de que se servem para occultar nelas os diamantes que roubam das minas.

Por último, passou um aleijado, uma perna anquilosada,—arrimado à mulêta de «Taculas».

Outro horror! Na perna havia um corte vertical que ia, da união da côxa com o tronco, até

à rotula. E era ali, naquela ferida tallada na carne, que o indigena, como o verifiquei, conduzia occultamente, onze diamantes!

Se me impressionára o espectáculo sinistro do leprozo, tambem este homem, que soube ser do peor de Xá-Ibanje, me deixou no espirito uma angustiosa sensação de pezadêlo.

Pouco depois, tendo os negros occultado novamente os diamantes, parecendo surpreendidos de que não lhos houvessemos tirado, seguiram a sua jornada para a fronteira, relanceando, de vèz em vèz, uns olhares recosos e desconfiados na nossa direcção.

—Era occasião para os seguir e conhecer o individuo que lhes compra as pedras roubadas!—observei, ansioso de perseguir na extranha aventura.

—Conhecê-lo?—exclamou o comerciante. Mas eu conheço-o, sei perfeitamente o local da fronteira onde espera neste instante os ladrões dos diamantes.

Diz chamar-se James Robson, de nacionalidade inglesa, mas o seu verdadeiro nome é Andries Wescêl, e é mestiço, filho dum boer e dumã prêta matabele.

Para os indigenas é apenas conhecido pelo «T'chindêr iã Kiushássá» (o homem branco de Kiushássá), por sêr em Leopoldville que Wescêl tem centralizados os fios numerosissimos da sua imensa teia de roubos e de crimes!

Quem é Andries Wescêl
—Como desapareceram
dois «detectives» belgas
—Como eu vi o «negócio
dos diamantes

Regressámos à casa do comerciante. Depois dum banho que nos aliviou do tremendo calor sob o qual nos conserváramos toda a manhã, dirigimo-nos ao extremo noroeste da

fronteira, na pequena «limousine» de Sarmento de Brito.

Durante o percurso, o meu companheiro, foi-me falando de Andries Wescêl:

—E' um individuo de aspecto repulsivo, uma barba hirsuta a manchar-lhe as feições amulafadas. E' conhecidissimo pela policia de Anvers, Londres, Paris e Lisboa.

Sabe-se que, em 1929, para se vêr livre da perseguição que lhe moviam os «detectives» belgas Gambart e Stamer, não vacilou em fazer explodir—não se conhecendo, porém, a forma como tal conseguiu—os 300 quilos de diamante que o vapor francez «Autaire Branty» transportava do Havre para Datadi. O navio afundou-se por alturas de Dakar. Apenas um homem se salvou, vagueando no Oceano sobre uns pranchões e sendo recolhido, semi-morto de fome e de frio, pelo vapor «Castillo Garcia», da praça de Bilbao, que se dirigia à Guiné espanhola. Pouco depois do naufrago ter desembarcado naquela colonia, desapareceram dos alojamentos que as autoridades maritimas lhe tinham facultado.

Este homem, afinal, era Andries Wescêl que, logrando salvar-se e exterminar os seus perseguidores, entendera prudente evadir-se da Guiné Espanhola, com receio de «possiveis complicações»...

De há uns mêses a esta parte, surgiu Wescêl como receptor dos diamantes roubados e...

Nesta altura, Sarmento de Brito, travou rapidamente o carro.

—Um bufalo!—exclamou.

A uns duzeitos metros, de cabeça erguida e olhos cravados em nós, encontrava-se, efectivamente, uma linda «pacaça»—o bufalo africano.

Os meus instintos de caçador, despertaram...

Vagarosamente, para não alarmar a fera, peguei na carabina, alastei-me da «limousine». Ao chegar à distancia duns setenta metros, encostei-me à orla do matagal, ergui-me e, pondo a arma à cara, visei o bufalo entre os olhos... Disparei. A detonação vibrou na colma espectante do «chana» e foi vibrando aiê longe, de êco em êco...

O bufalo, com um rugido cavo e lamentoso, atingido mortalmente, caiu...

E logo que o corpulento animal tombou, succedeu qualquer coisa para a qual de momento, não achei explicação.

Um grupo de negros, saindo não sei de onde, surgiu subitamente, correndo, aos gritos como que aterrados, dispersando-se pela planicie...

Conclue na p. 15

UM VOLUME PÓSTUMO DE DIANA DE LYS

Em proporção com a sua população, Portugal é dos paizs que mais escritoras possui. Uma vista de olhos pelos escaparates e montras de livreiros facilmente nos convenceremos desta verdade, e ainda de outra que metade dos volumes publicados por senhoras, mais de metade, mesmo, são insignificantes e servem só para alimentar a vaidade das suas autoras. De tanta literatura feminina portuguesa, quais os nomes que o público tem de ouvido e se costumou a comprar? Trêz ou quatro—se tanto. E no entanto a mulher portuguesa, num desejo de emancipação que só louvores merece, invadiu todos os domínios da liter tura, e vem-la assinando documentos judiciais, fazendo conferências, assinando volumes de prosa, verso ou teatro. A-pesar-disso difficilmente um nome de mulher transporá os hombrais da porteridade.

Vem este exórdio a propósito do livro *Pedras Falsas*, recentemente publicado por Maria de Lys, um fino espirito de mulher que soube ser no nosso sáfaro meio literário uma excepção ao que já é regra na nossa depauperada literatura feminina.

Maria Eugénia Haas da Costa Ramos, assim se chamava a autora das *Pedras Falsas* morreu sem ver publicado o seu livro interessantissimo, ainda em plena juventude.

Conclue na p. 15



HISTORIA DA MEDICINA

(Continuação do número anterior)

Se considerarmos a grande antiguidade dos Babilônios e dos Egípcios, ficaremos convencidos da antiguidade da medicina; e, ainda que a História não vá além destes povos—e outros anteriores a eles existiram—podemos sem receio acreditar que a sua origem é muito remota: porque ela nasceu com o proprio homem e, como muito bem disse Plíneo, se alguns povos não tiveram médicos, não deixaram, contudo, de ter medicina.

Athotis e Hermés

O médico mais antigo que a História menciona, é Athotis, filho de Menés, rei da primeira dinastia dos Tinetas; foi um médico muito habil, no dizer de Manethon, e escreveu varios livros sobre anatomia: o que provaria que a medicina, depois de ter sido levada a um certo grau de perfeição entre os antigos, seguiu a sorte dos Impérios, mergulhando no esquecimento.

Este Athotis—se dermos crédito á cronologia dos Egípcios—viveu varios seculos antes de Adão.

Depois dele aparece Hermés, cognominado Trismégista, que quer dizer tres vezes grande: é o mesmo que Toth, ou o Mercurio dos Egípcios, que passava por ter inventado todas as ciencias e todas as artes. «Mania, diz Jamblicus, no Egipto, colunas cheias de inscrições com a doutrina de Mercurio. Pitágoras e Platão tiraram de lá grandes ensinamentos para os seus livros.»

Parece que Anubis ou Hermanubis era a mesma pessoa que Hermés ou Mercurio, como o afirma Diodoro da Sicilia. Representavam-no com uma cabeça de cão—porque este animal era o simbolo da intelligencia. Nas medalhas, está junto com Isis, porque era o seu perceptor ou conselheiro.

Asiris e Isis

Asiris ou Apis e Isis, passaram tambem

por ter inventado a medicina. São, um, o rei mais antigo, e outra, a ruinha mais antiga do Egipto, ambos contemporâneos de Thoth ou Hermés. Ha alguns escritores que pensam que eles pertenciam á mesma familia. Como quer que seja, Osiris era ao mesmo tempo sacerdote e rei, assim o afirmando Plutarco, Strabão e Théodoret. E' que não havia então, no Egipto, senão os sacerdotes, que tivessem entre mãos a soma de todos os conhecimentos da época, e para neles se ser iniciado, era preciso pertencer á ordem; mesmo os reis estavam subordinados a esta lei. Pensavam eles que os segredos da sua filosofia lhes eram ensinados pelo exemplo dos seus deuses, que se deixavam vêr aos homens atravez dum espesso véu. Eis a razão porque havia em Sais, cidade do Egipto, uma estatua de Pallas, a mesma, diz-se, que Isis, com esta inscrição: *eu sou tudo o que existe, que existiu e que ha-de existir; nenhum mortal levantou ainda o véu que me cobre*. Era pela mesma razão que os Egípcios colocavam a entrada dos seus templos esfinges, para anunciar que os seus conhecimentos estavam occultos pelo véu do enigma e para lhes penetrar o sentido era preciso penetrar nas trevas e nas figuras que os occultavam. Havia tres especies de estilo: o simples, que era claro e perceptível; o hieroglífico, no qual os pensamentos estavam velados por certas imagens ou caracteres; e, enfim o symbolico, que consistia em expressões curtas, encerrando um sentido figurado debaixo dum sentido simples e proprio: é o que Héraelito intellegendamente exprimiu por estas tres palavras:

Loquens, celans et significans.

DOUTOR X

No proximo número:

HORUS OU APOLO**Homens & Factos do Dia**

(Conclusão da página 3)

—E' que tu não sabes quem éle é! Companheiros daquêles não prestam! Só desabonam e desacreditam! O seu contágio era incurável! Demais a mais tu, que todos conheces, que todos sabem quem és! O que se diz e o que se fala já — a esse respeito — nem tu calculas! É a verdade é que nós, teus amigos firmes e através de todas as contingencias—não sabemos como te defender! A gente, na vida, só deve procurar os que, pelo menos, não nos deshonram quando não encontramos os que nos podem dar mais brilho social ainda daquele de que despomos...

«Uvi, ouvi,—e por fim—expliquei-me:—Podia dizer-lhes que um jornalista, um *chercheur de secrets et de vies* não deve atar-se com esses preconceitos visto que necessita mergulhar aos pozos mais fundos para buscar a materia prima do officio; mas confesso leal e sinceramente, o motivo que me leva a acompanhar esse pobre miço que você despresam o expulsam como um leproso. Não costume, por temperamento e por reflexão, fazer calculos matematicos antes de aceitar uma amizade—totalizando dum lado os prós, somando, do outro, os contras, e vendo, depois se a contabilidade dum «deficit» ou «superavit» para então ceder a

ficha de amigo ao individuo que o Destino fe cruzar comigo! As minhas amizades e sympathias—como aliás as minhas antipatias e repulsas—ó obedecem a um estudo antropometrico: ao da minha sensibilidade. E' ela e só ela que decreta e selecciona as minhas relações. Que importa que a sociedade, cujas leis não foram feitas por mim—condene ou conderece um semelhante—se o meu instinto, a minha consciencia, o meu coração, cujas leis são as unicas que regem as minhas acções, me ditar o contrario? Além disso—o nosso dogma está gravemente errado—e não erro que não me é lisonjeiro. Dizem vocês que me consideram um homem, um caracter, um homem não só sem manhas, com pelo contrario, digno de aplauso pela sua conduta moral. Se é assim—em que periga a minha honra, o meu caracter, a minha moral, no contacto com esse individuo? Se ele é o antithese de todas as virtudes, se os seus defeitos são notorios, virulentos, contagiosos—eu estou na vossa opinião bem defendido contra o seu contágio ou então a minha honestidade não é firme, a minha moral é tao fragil como uma lampada de bico auer, depois de queimada, o meu caracter uma «camelite» de papel pintado, uma imitação sem raises nem espontaneidade, nem força—que se estraga ao menor sopro de uma convivencia indigial. Mas ha mais ainda: se eu sou o que vocês dizem—e se ele é o que vocês garantem—não só é

errado o temor de que ele me infecte com os seus defeitos, como me insulta o facto de vocês não pensarem sequer na hipotese de que ele se reabilitaria no meu contacto. Porque razão as minhas virtudes não o podem tornar virtuoso—e sim os seus defeitos tornarem-me num amoral? Porque razão sou eu que desço, sou eu que me desmo a'iso, sou eu que me abandalho, andando na sua companhia—eu que sou o homem de bem—e não ha-de ser que ele suba, ele que ganhe, ele que se moralise e se acredite e se salve—ele, que é um ser inferior, na vossa santa opiniaçã!

Das meus argumentos resultou, pelo menos, um effeito: o de esgotar a argumentação dos meus adversários-amigos. Esta gente cultiva a sua dignidade—não dando nunca o braço a torcer, mesmo quando a lógica lhe demonstre que 4x4 são 8 e não 10. E ao sentirem-se convencidos—enconhem os hombros, sorriem-se com superioridades e exclamam:—«Não vale a pena «lis-cutir!» De todos—apenas um não se resignou a este comodo reate da controversia. Acercou-se-me, bateu-me no hombro—e concluiu:—«Tudo isto é tal qual como tu dizes—em palavras. Mas existe um argumento mais forte do que todos com que tu florestas: o da vida, o da realidade, o da experéncia. Você, ó literatos, fracassam sempre porque querem impor a lógica e a intelligéncia á realidade, á vida. Ora a vida e a realidade são o contrario da lógica e da intelligéncia porque não existe nada mais estúpido do que este mundo!

Rodiram anos... Já me branquearam as fontes—e ainda estou nos trinta e quatro anos. E se é triste esta velhice precoce—recompensam as lições que os cabellos brancos, como rabiscos de giz, marcam no meu rosto. Afinal quem tinha razão não era eu—eram eles, os que eu rebati naquela noite, com a minha lógica! O meu quixotismo se'fra, impando gulosamente, daquela experéncia; e desde então, mais firme do que nunca exhibia, protegia deféncia, todos aquêles que a sociedade desprezasse e acusava no seu index infalível! Que de desiluzões—essa generosidade não me custou! E' que de todos—e são muitos—só um até hoje, não me prejudicou—em vez de apresentar a sanha de salvação que, com sacrificio e esforço, lhe lançam. E ultimo de todos, não só não aproveitou—como ainda por cima mordeu a mão que o salvara!

Aquêles outro é que via claro: o mundo é estúpido! O mundo é estúpido—e o homem é mau!

Reporter X.

Uma visita ao «Atlantique»

(Conclusão da página 11)

mides do precioso metal cresciam no Banco—melhor defendidos, economicamente, nos julgávamos. Súbito vem a realidade brutal: que o ouro é uma convenção estúpida, o mais inútil e desprezível dos metais e das materias—visto que não serve para cousa alguma nem sequer para comer! Proximo está o dia em que um quilo de batatas ha-de ter mais valor do que um quilo de ouro!

«Escandalos? O último é o de Lucien Vangel—o director do *Vu* e do *Nu*. Lucien Vangel publicou um numero especial do *Vu* dedicado á Russia e que era um elogio pegado ao bolchevismo. O *Candide* acusou-o de comunista e elle jurou que tinha sido apenas uma testemunha imparcial! Pouco depois o *Candide* armou-lhe uma cilada—revelando um contrato secreto entre elle e o governo de Muscov—o contracto do exclusivo de venda de todas as fotografias referentes á Russia destinadas á imprensa! O *Vu* e o *Nu*—provou o *Candide*, é um *bureau de presse* ao serviço do Estado russo!...

Ao sairmos, lançamos um ultimo olhar para o «Atlantique» tudo enojado de luzes e refulgindo, sobre o Tejo, como um Paris flutuante. Como vai longe o tempo em que Colombo atravessou os mesmos mares—numa caravela. Quantas caravelas como as de Colombo cabiam dentro do «Atlantique»?



**Questão de pri-
cípios ou reac-
cionista?**

Existe por aí uma companhia fabricante de fósforos com *ph*, quer dizer, substituindo os *ff* por aquelas letras, como se fasia na ortografia antiga. Como se isto não bastasse, a mesma companhia, sempre que alguém que com ela transacciona e designa nos documentos trocados, escrevendo fósforos como deve, como manda a nova ortografia, que afinal é determinada por lei, não aceita o documento e exige que se emende a palavra.

Parece-nos que semelhante atitude não é de respeitar. Que se aceite a incorrecção de cada um escrever como lhe apetece, indo contra as regras naturais e legais, temos que admitir, visto quem de direito não intervir no sentido de o não permitir, nos termos de aceitar a exigência de escrevermos asneiras é que nos parece duro de mais. Ou não se é?

Outro exemplo de reaccionismo insolente: Numa casa da rua do Carmo, cujo proprietário é muito conhecido pelas suas idéias reaccionárias, casa muito conhecida e frequentada, reclama os preços de todos os productos que expõe, exprimindo os mesmos preços em réis.

Que conheçamos, a moeda réis é brasileira

e não nos consta que o cavalheiro negocie com dinheiro do país irmão.

O seu fim é bem outro. O cavalheiro não reconhece, a-pesar-de já estarmos no 22.º ano de República, o regime, e a maneira mais eficiente que tem de demonstrar a sua animosidade política é aquela que apontamos.

Não haverá maneira de acabar com semelhante cabotinnisse, que amesquinha o próprio regime?

**Funcionários
duas vezes**

Agora que «os frades são muitos e a Ordem é pobre», toma fóros de verdadeira deshumanidade que haja nos Ministerios Públicos funcionários reformados e com boas pensões, ocupando lugares em detrimento de outros cidadãos que em vão aguardam uma oportunidade para se empregarem nestes tempos difíceis.

É verdade que os «reformados» sujeitam-se a exercer qualquer cargo, indifferentes à categoria que haviam atingido, como aos assalariados e a meio preço qual artigos de segunda mão. Se isto representa uma aparente redução de encargos para o Estado, provoca também certamente uma não menos importante redução de receitas e o aspecto moral desta questão também é apreciável...

assustára os seus serviços, vinha sempre aumentando e era provocado por uma corrente de agua subterranea que nesse momento já lhe chegava aos joelhos e o puxava mais e mais para o fundo da caverna.

Justamente então num pequeno descuido o archote cai-lhe das mãos à agua, apagando-se e deixando-o na mais terrível das trevas. Só então compreendeu a gravidade da sua situação; tateando as paredes e procurando resistir à força sempre crescente da corrente que quasi tomara as proporções de verdadeiro Niagára, não teve outro remedio senão abandonar o bernal, as armas e todo o peso inutil agora, pensando apenas na salvação do corpo. A luta foi violenta e longa a-pesar-da curta distancia que tinha a percorrer; quasi já desfalecido quando se sentiu fortemente agarrado pelos seus fieis serviços que enfim percebendo o verdadeiro significado daqueles ruidos que nada tinham de sobrenatural, vieram a tempo de salvar o seu patrão.

A noite foi de delirio. No dia seguinte os dedicados cafres de Mr. Mayters transportavam-nos pensamente, sobre uma tóca padiola, até ao acampamento de floresta. E nem um rubi ao menos para amostra...

Mr. E. Franck Hayters, entregou no Foreign Office um mapa desta região e está obtendo as concessões indispensáveis para explorar as chamadas «Minas de Salomão», que foram propriedade da Rainha do Sabah!

E, se não surgirem agora novas e inesperadas complicações nem herdeiros a reclamarem os seus direitos, Mr. Hayters será em breve um dos homens mais ricos e notáveis do Mundo.

Luis Lupi

PREFIRAM SEMPRE

Canetas EAGLE

**Como são roubados
os diamantes de Angola**

Conclusão da pág. 13

—C'os demon'os!—Rugiu o velho Brito—pondo a «limousine» em marcha, com um gesto furibundo. —Aqueles diabos que ali vão são os mesmos a quem interrogámos, esta manhã! Era aqui que deviam esperar o Andries! Espan-támos-os por causa do bufalo... Que azar...

Sem que eu proferisse uma palavra, o comerciante carregou no acelerador.

O auto, rugindo, deixou a estrada e, atravez do matagal, oscilando, saltando, num tremendo ruído de ferragens entrechocadas, correu sobre os fúctivos.

Foi uma perseguição feroz. Sarmiento Brito queria, pelo menos, apanhar um dos negros para saber se o «negócio» já se realizára ou não.

Quando já desanimava de os avistar, distinguu um deles, correndo como um antilope, semi-curvado, nivelando-se com o capim.

—Pára!—gritei ao comerciante.

O carro estacou com um medonho gemido de toda a sua armação.

Com um salto, alcancei um «boabab» gigantésco, descalcei-me para o subir mais rapidamente e ao alcançar o ponto em que se uniam as duas ramadas centrais, não pude soffocar um grito de surpresa.

Ali perto, entre o alto matagal, um individuo amulhado, segurando pela rédia um cavallo, tinha em seu redor um grupo confuso de indígenas. A tiracolo, avultava uma espingarda.

Compreendi de relance o que se passava. Estava ali Andries Wercil realizando a compra dos diamantes roubados nas minas de Lunda!

Julgo que o meu grito foi ouvido pelo aventureiro, porque olhou na direcção do «boabab» com a mão posta sobre os olhos, em forma de pála, e, seguidamente, voltando-se para os indígenas, apontou-me com gestos rápidos, como quem ordena o que quer que seja.

Desci oppresso pelo sentimento de que ia succeder algum facto grave.

E efectivamente quando, pouco depois, um firo partido não sei de donde veio estilhaçar o «para-brise» do nosso carro, principiou a parte mais curiosa desta reportagem. Nunca eu previra os acontecimentos que se seguiram.

E ainda hoje, ao evoca-los, me parece que tudo aquilo foi um capítulo de novela...

A cicatriz profunda que na perna direita me ficou dessa viagem accidentada, não me deixa, porém, de evidenciar a realidade das peripécias com que consegui falar com Andries e saber quem são os agentes dos roubos de diamantes, em Roma, Berlim, Bruxelas, Amsterdam, Madrid e Lisboa.—FERREIRA JUNIOR.

**Um volume póstumo de
Diana de Lys**

Conclusão da pág. 13

Mas nem por isso, o seu livro perdeu em interesse ou análise. Das suas páginas, brota uma suavissima ironia, uma critica segura aos preconceitos velhos e caducos que dentro de cada um de nós lutam em irrefragáveis impetuosidade em páginas cheias de perdão e piedade.

Foi Diana de Lys quem no *Correio da Manhã*, em 1923 trabalhou primeiro o género difficil do dialogo novelesco que tantos imitadores,—e alguns bastante inferiores,—veio a ter depois, sem que na maioria dos casos lhe soubessem dar a emoção, alma e intelligencia que Diana de Lys sabia imprimir a essas crónicas que constituem o volume que justifica estas linhas. Esses dialogos são documentos vivos, emocionantes, de tudo quanto pode tumultuar numa cabeça feminina em plena mocidade—documentos que são encantadoras joias literárias.

O volume é valorisado com um estudo sobre a sua autora devido à ternura e à intelligencia do nosso camarada Ferreira de Castro que com o coração e com o cerebro soube apreciar a mulher e a escritora.

**Foram encontradas as ver-
dadeiras minas de Salomão**

(Conclusão da página 7)

fícil porque a distancia calculada de 20 leguas, era; de facto, muito maior e as previsões de agua e comida escassamente chegaram para não morrerem de fome e de sede...

Uma vez chegados, porém, logo esqueceu Mr. Hayters todos os seus trabalhos ao encontrar a estrada que, como resava a lenda, o levou até à entrada dumas longas galerias em que logo se introduziu alumiado por archotes que os seus serviços prontamente improvisaram com plantas resinosas.

Depois de percorrer esses frios subterraneos por mais duma longa hora. sem que algo encontrasse de notavel, percebeu que o terror supersticioso dos seus companheiros os começava a dominar tanto mais que distintamente se ouvia agora um ruído cavo e longiuquo como uma trovoadá a distancia. Seguiu pois só, empunhando ele próprio um archote e foi mais feliz nas pesquisas. Mais alguns passos dados, e a sua alegria não teve limites ao certificar que pisava nesse momento um verdadeiro tapete de luz, formado pela fulguração de enormes rubis, cintilando à luz do archote... Sem hesitar, encheu o seu bernal com as maiores gemas que teve à mão, encaminhou-se rapidamente para uma outra caverna que brilhava mais ainda e ficava a poucos passos:—eram montões de diamantes espalhados a esmo como se de cascalho se tratasse!

Um perigo, porém, esperava-o ainda... Na sua alegria e na áncia de encher o seu bernal, não se apercebera de que a sua situação começava a ser perigosa, pois o ruído que tanto

R
Cathariz (Lisboa)
N.º 7308

DEPURATOL
SOBERANO
REMEDIO DA
SIFILIS



**TUBO
10\$00**

Aprovado
no estrangeiro
por Juntas de Saude
Registado em numerosos paizes

**Sem dieta
nem resguardo**

LISBOA
* [20 MAR 32] *
NORTE